



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social
Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental

MARCELO BARROSO BARRETO

**CONHECIMENTO CIENTÍFICO E EXPERIÊNCIA CULTURAL FRENTE
AO AGIR DO SUJEITO NO MEIO AMBIENTE**

SALVADOR

2014



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social
Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental

MARCELO BARROSO BARRETO

**CONHECIMENTO CIENTÍFICO E EXPERIÊNCIA CULTURAL FRENTE
AO AGIR DO SUJEITO NO MEIO AMBIENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador, sob orientação da Professora Doutora Cristina Maria Macêdo de Alencar, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Ambiental.

SALVADOR

2014



Universidade Católica do Salvador

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social
Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental
Homologado pelo CNE (Portaria Nº. 73, 17/01/2007)

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELO BARROSO BARRETO

Conhecimento científico e experiência cultural frente ao agir do sujeito no meio ambiente

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Ambiental.

Salvador, 31 de março de 2014

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Cristina Maria Macêdo de Alencar
Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
Universidade Católica do Salvador - UCSAL

Prof. Dr. Amílcar Baiardi
Doutor em Ciências Humanas
Universidade Católica do Salvador - UCSAL

Prof. Dra. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Doutorado em Educação
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Dedico a todos os sujeitos que carregam consigo sua luz e, conseqüentemente, sua sombra, os quais contribuíram, por meio do afeto, para a minha formação enquanto ser humano, por vezes, de forma acertada, outras, tentando acertar ou errando em tantos outros momentos. Sim, porque creio no que poetizou Manuel Bandeira: “E a vida vai tecendo laços quase impossíveis de romper. Tudo o que amamos são pedaços vivos do nosso próprio ser”.

AGRADECIMENTOS

Aqui, eu evitarei citar nomes para não correr o risco de excluir pessoas de grande importância nessa minha caminhada, pois foram muitas. Com todo o carinho que tenho por esses indivíduos, os quais estiveram ao meu lado durante o período do mestrado, acredito que cada um se identificará, de forma precisa, nas palavras de gratidão a seguir.

Inicio agradecendo aos professores e colegas que me proporcionaram vivenciar a Academia de forma suave, mostrando-me que o caminhar acadêmico pode ser percorrido em trilhas de afeto positivo, entrecruzadas ao desenvolvimento cognitivo, e que todas essas subjetividades humanas são também ciência.

Aos colegas de labuta, que entenderam toda a pressão que um mestrando sofre e, de alguma forma, suavizaram as minhas obrigações enquanto professor, com compreensão, sorrisos, abraços e muito afeto.

À minha orientadora, que, desde a seleção deste mestrado, cativou-me com toda a expressividade das suas palavras e olhares, fazendo-me acreditar nos meus sonhos. Foi a guia e o exemplo que precisei para concluir este percurso.

Aos meus alunos, que, com muita paciência e carinho, contribuíram com a pesquisa e, principalmente, por me darem a certeza de ter escolhido a profissão correta para exercer nesta vida.

A todos os amigos, que, neste período, nutriram a nossa amizade à distância, ora por telefone, ora por redes sociais, ora apenas por sintonia. Compartilhamos angústias, anseios, tristezas e muitas alegrias durante toda esta caminhada.

Aos meus familiares, os quais me proporcionaram estudo e sabedoria para, conscientemente, fazer minhas escolhas da forma mais acertada possível. Agradeço-lhes o colo e os conselhos.

Ao meu amor, esposa e companheira, que vivenciou a pior parte deste período, tendo força e paciência para me acolher do jeito que sou, luz e sombra, acerto e desacerto. Ela esteve sempre ao meu lado e, mesmo diante de toda a incerteza que me cerca, caminhou junto a

mim, lado a lado. Com o seu olhar apurado e afetuoso, contribuiu com o progresso desta dissertação.

Agradeço, com todo o amor do mundo, aos meus pais. Eu não mudaria sequer uma vírgula da nossa história. Tinha de ter sido assim, os dois. Se não vivenciássemos, juntos, a Terra, não haveríamos conhecido o sabor tão doce e suave desta vida. Verdade que nem sempre foi assim, houve as dores, mas, sem eles, eu jamais conseguiria perceber aprendizado mesmo na escuridão.

Aos meus mentores e todos os amigos espirituais, que me acompanharam com muito amor e dedicação em todos os momentos da minha vida, inclusive neste. Com eles, a vida é muito mais leve do que se pode imaginar.

A mim mesmo. Sim, a mim, porque não foi fácil me acolher e me aceitar da forma com que consigo hoje, mas todas as pessoas citadas anteriormente, dentre muitas outras que passaram por minha vida, deixaram um pedaço delas em mim e me fizeram deixar um pedaço meu nelas, o que contribuiu com este autoacolhimento. Espero eu que esses sujeitos tenham a certeza de que sempre lhes ofereci o melhor que pude, porque sei que trouxe comigo o melhor de cada um.

E, por fim, meio e início, a Deus, por permitir esta minha encarnação e, de forma inexplicável, conseguir me amar sem julgamentos. Sempre.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,
e não tivesse amor,
seria como o metal que soa
ou como o címbalo que retine.

E ainda que tivesse o dom de profecia,
e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência,
e ainda que tivesse toda fé,
de maneira tal que transportasse os montes,
e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres,
e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado,
e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é sofredor, é benigno;
o amor não é invejoso;
o amor não se vangloria, não se ensoberbece,
não se porta inconvenientemente,
não busca os seus próprios interesses,
não se irrita, não suspeita mal;
não se regozija com a injustiça,
mas se regozija com a verdade;
tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acaba;
mas havendo profecias, serão aniquiladas;
havendo línguas, cessarão;
havendo ciência, desaparecerá;
porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos;
mas, quando vier o que é perfeito,
então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, pensava como menino;
mas, logo que cheguei a ser homem,
acabei com as coisas de menino.

Porque agora vemos como por espelho,
em enigma, mas então veremos face a face;
agora conheço em parte,
mas então conhecerei plenamente,
como também sou plenamente conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé,
a esperança, o amor, estes três;
mas o maior destes é o amor.

(Paulo de Tarso, *Coríntios* 13-1)

RESUMO

A pesquisa foi suscitada quando o docente de Ciências Biológicas do Serviço Social das Indústrias – SESI, lotado em Candeias – BA, teve de desenvolver um projeto que vislumbrasse a melhoria da qualidade de vida dos estudantes candeenses da referida instituição. Assim, a pesquisa se iniciou com a apreensão das representações que esses estudantes têm da cidade em que vivem, do que propicia a qualidade de vida deles no município e o que interfere na melhoria desta qualidade de vida. No decorrer da pesquisa, observou-se que a maioria do grupo amostral deseja estudar para sair do ambiente em questão, pois não concebem uma melhoria de qualidade de vida em Candeias. Mas foi perceptível, também, que os laços afetivos desenvolvidos pela família e amigos ainda os fazem ter um olhar acolhedor ao ambiente em que vivem e que esse pode ser o ponto de partida para uma educação ambiental legitimada. Dessa forma, foi proposto ao SESI, para o ano de 2014, um projeto de educação ambiental legitimado, o qual tem como propósito fomentar uma autoanálise dos estudantes, para que estes escolham a forma mais acertada de melhorar a qualidade de vida deles em todos os ambientes que frequentam e, principalmente, no que moram.

Palavras-chave: Conhecimento científico; Experiência cultural; Educação Ambiental legitimada.

ABSTRACT

This research starts when the Biology Teacher at Serviço Social das Indústrias – SESI, located in Candeias-BA, needed to develop a project which goal was to offer knowledge about life quality to the Candeenses students. Thus, the research started with the apprehension of representations that these students have about the city they live in, which provides quality of life in this city and interferes with the improvement about life quality. During the research was observed that most of case group would like to study and move to another place, because they can't conceive betterments about life quality where they stay. On the other hand, was also noticeable that affective links among families and friends help them to look in a affectionate way the local around them and this could be the starting point to an environmental legitimated education. Therefore, this project was suggested to SESI, for the year of 2014, which goal is to foment a self-analysis and to offer the students knowledge that can help them to make good choices and bring betterments on life wherever they are.

Key-words: Scientific knowledge; Cultural experience; Environmental legitimated education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

E1 – Estudante 1

E2 – Estudante 2

E3 – Estudante 3

E4 – Estudante 4

E5 – Estudante 5

E6 – Estudante 6

E7 – Estudante 7

E8 – Estudante 8

E9 – Estudante 9

E10 – Estudante 10

E11 – Estudante 11

FECOMÉRCIO – Federação do Comércio

FIEB – Federação das Indústrias do Estado da Bahia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIB – Produto Interno Bruto

PP – Professor Pesquisador

PPGEduC – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

PPGPTDS – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social

RMS – Região Metropolitana de Salvador

SESI – Serviço Social das Indústrias

UCSAL – Universidade Católica do Salvador

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

01	Mapa da localização de Candeias – BA	29
02	Foto satélite de Candeias – BA	32
03	Tabela de saberes ambientais	39
04	Fluxograma de procedimentos metodológicos	39
05	Foto impacto positivo pelo E1	40
06	Foto impacto positivo pelo E1	40
07	Foto impacto positivo pelo E1	40
08	Foto impacto negativo pelo E1	42
09	Foto impacto negativo pelo E1	42
10	Tabela analítica E1	43
11	Foto impacto positivo pelo E2	44
12	Foto impacto positivo pelo E2	44
13	Foto impacto positivo pelo E2	44
14	Tabela analítica E2	46
15	Foto impacto positivo pelo E3	47
16	Foto impacto negativo pelo E3	48
17	Foto impacto negativo pelo E3	48
18	Foto impacto negativo pelo E3	48
19	Tabela analítica E3	50
20	Foto impacto positivo pelo E4	51
21	Foto impacto positivo pelo E4	52
22	Foto impacto positivo pelo E4	52
23	Foto impacto negativo pelo E4	53
24	Foto impacto negativo pelo E4	53
25	Foto impacto negativo pelo E4	53
26	Tabela analítica E4	54

27	Foto impacto positivo pelo E5	56
28	Foto impacto positivo pelo E5	56
29	Foto impacto positivo pelo E5	56
30	Foto impacto negativo pelo E5	57
31	Foto impacto negativo pelo E5	57
32	Foto impacto negativo pelo E5	58
33	Tabela analítica E5	59
34	Foto impacto positivo pelo E6	60
35	Foto impacto positivo pelo E6	60
36	Foto impacto positivo pelo E6	60
37	Foto impacto negativo pelo E6	61
38	Foto impacto negativo pelo E6	61
39	Foto impacto negativo pelo E6	62
40	Tabela analítica E6	63
41	Foto impacto positivo pelo E7	64
42	Foto impacto positivo pelo E7	64
43	Foto impacto positivo pelo E7	64
44	Foto impacto negativo pelo E7	66
45	Foto impacto negativo pelo E7	66
46	Foto impacto negativo pelo E7	66
47	Tabela analítica E7	67
48	Foto impacto positivo pelo E8	69
49	Foto impacto positivo pelo E8	69
50	Foto impacto negativo pelo E8	70
51	Foto impacto negativo pelo E8	70
52	Tabela analítica E8	71
53	Foto impacto positivo pelo E9	72
54	Foto impacto positivo pelo E9	72

55	Foto impacto positivo pelo E9	72
56	Tabela analítica E9	74
57	Foto impacto positivo pelo E10	75
58	Foto impacto positivo pelo E10	75
59	Foto impacto positivo pelo E10	75
60	Foto impacto negativo pelo E10	76
61	Foto impacto negativo pelo E10	76
62	Foto impacto negativo pelo E10	76
63	Tabela analítica E10	77
64	Foto impacto positivo pelo E11	78
65	Foto impacto positivo pelo E11	78
66	Foto impacto negativo pelo E11	79
67	Tabela analítica E11	80
68	Tabela saberes ambientais – Impactos positivos	86
69	Tabela saberes ambientais – Impactos negativos	87
70	Árvore da ecologia profunda – PP	90
71	Árvore da ecologia profunda – Estudantes	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO EM LINHAS MEMORIAIS	15
2	CONHECIMENTO CIENTÍFICO E EXPERIÊNCIA CULTURAL: UM ENLACE NECESSÁRIO	23
2.1	<i>LOCUS</i> DA PESQUISA: CANDEIAS E A EXPERIÊNCIA CULTURAL CANDEENSE	29
2.2	METODOLOGIA	33
3	AJUSTANDO O LAÇO: O QUE FOI APREENDIDO NA PESQUISA	40
3.1	ELEMENTOS APREENDIDOS EM CONVERSAS, FOTOGRAFIAS E ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES	40
3.1.1	Estudante 01 (E1)	40
3.1.2	Estudante 02 (E2)	44
3.1.3	Estudante 03 (E3)	46
3.1.4	Estudante 04 (E4)	51
3.1.5	Estudante 05 (E5)	55
3.1.6	Estudante 06 (E6)	59
3.1.7	Estudante 07 (E7)	63
3.1.8	Estudante 08 (E8)	68
3.1.9	Estudante 09 (E9)	72
3.1.10	Estudante 10 (E10)	74
3.1.11	Estudante 11 (E11)	78
4	O CINGIR DOS DITOS: ANÁLISE DO PROCESSO	81
4.1	TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO	85
4.2	ÁRVORE DA ECOLOGIA PROFUNDA	89
5	AÇÃO PROPOSTA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL LEGITIMADA	93
5.1	CONTRA PROPOSTA INSTITUCIONAL	101
	REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO EM LINHAS MEMORIAIS

“[...] o meu único talento enquanto educador é talvez ter conservado uma impressão tão total da juventude, que sinto e compreendo, como criança, as crianças que educo” (FREINET, 2004, p. 24).

O interesse por estudar este tema no mestrado deu-se no início do ano de 2012, ao começar a lecionar em uma instituição do SESI¹, pertencente à FIEB, na cidade de Candeias/Bahia, situada na região metropolitana de Salvador (capital da Bahia). Já havia estado neste município quando criança, mas o contato inicial nos dias atuais foi como se estivesse adentrando pela primeira vez esta cidade.

Candeias apresentou-se, inicialmente, como um amontoado de casas, algumas sem reboco, ao longo de alguns montes, onde é possível se perceber a presença de indústrias diversas e fazendas aparentemente de criação bovina. Ao entrar no centro da cidade, alguns fatores me causaram inquietações. A rodoviária apresentava-se suja, cheia de gente, uma multidão de *motoboys* circulando pelas ruas e ladeiras estreitas da cidade, misturando-se a carros e minivans, um calor sufocante, sem vento corrente, e muita gente nas ruas. Apesar de algumas poucas árvores, não foi possível visualizar uma área de lazer ou parque onde se pudesse ter um contato com um ambiente natural. Não se viam lixos nas ruas, mas parecia que uma nuvem de poeira estava sempre suspensa no ar, o que causava a impressão de ambiente sujo.

¹ “A responsabilidade social no Brasil caminha lado a lado com a história do SESI. Fundado durante a Era Vargas, o Serviço Social da Indústria nasceu juntamente com importantes conquistas para a qualidade de vida do trabalhador, encabeçadas pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. [...] O SESI não é apenas pioneiro, mas um agente de transformação. Por mais de 60 anos, tem se dedicado a atender aos trabalhadores da indústria com o máximo de atenção, zelando pelo seu bem-estar e saúde. Tudo partiu de uma visão simples: as pessoas são a força motriz e razão para as indústrias existirem; o resto é maquinário. [...] Garantir o exercício da cidadania aos industriários e suas famílias é o desafio do SESI. Para isso, além da estrutura física com centros de atividades, colônias de férias e clubes do trabalhador, a entidade oferece programas como a Ação Global e o Cozinha Brasil. Os trabalhos de promoção da saúde integram a agenda de iniciativas do SESI que motivam o empregado da indústria a ter uma vida mais saudável. [...] Para complementar o serviço prestado à comunidade industriária, o SESI se propõe a estimular a gestão socialmente responsável nas empresas, contribuindo para a competitividade e o desenvolvimento sustentável do Brasil. [...] Nos últimos 60 anos, o SESI conquistou a confiança de milhares de brasileiros graças a um trabalho ético e transparente, comprometido com a inclusão social. O lazer, a saúde e a educação são os pilares dos investimentos da rede, presente nos 26 estados e no Distrito Federal, somando 2.006 municípios atendidos. Esta estrutura garante presença constante da entidade na vida do trabalhador” (SESI, 2012).

Sem áreas ou parques verdes, sem um ambiente mais calmo onde se pudesse pensar a salvo das influências dos fatores externos urbanos, a representação que se formou em mim excluía a total possibilidade de se ter uma qualidade de vida² razoável naquele local.

Coincidência ou não, visando aos seus objetivos e à responsabilidade social, não somente com os filhos de industriários, mas com a comunidade em que esta instituição está inserida, no ano de 2012, o SESI (sede Candeias), como instituição educacional, acolheu como tema para o projeto pedagógico interdisciplinar *Saúde e qualidade de vida: repensando nossas posturas por uma perspectiva transformadora*.

No momento em que soube que teria de trabalhar esta temática com os alunos e quando me percebi com um (pré)conceito formado quanto à qualidade de vida em Candeias, fui levado a uma autoanálise pelo primeiro questionamento surgido ao me deparar com este tema: Quais experiências de vida e conhecimentos científicos me levaram a construir a concepção de qualidade de vida que tenho, e como este processo se deu em mim?

Antes de começar a desenvolver o projeto, fui transferido do SESI candeias para a Escola Djalma Pessoa, em Piatã, Salvador/BA (SESI/Piatã) e estas inquietações permaneceram fervilhando dentro de mim. Assim, inicialmente, fui buscar, em minhas memórias, desde a infância, as vivências que mais me deram sensação de bem estar.

A primeira delas, e que me vem com maior clareza, em nível consciente, era a experiência semanal das caminhadas na orla de Amaralina, bairro de Salvador, com o meu pai. Não me recordo exatamente da época, mas eu devia ter em torno de três a quatro anos de idade. Saíamos cedo de casa e, em quase todos os domingos, fazíamos o mesmo roteiro: passávamos na banca de revista, lá, meu pai comprava jornal, e eu sempre lhe pedia uma revista em quadrinhos, íamos caminhando pela orla, até encontrar um local agradável para que ele lesse o periódico e eu me distraísse com o gibi. Lembro-me da brisa e do cheiro do mar como se

² A representação de qualidade de vida é concebida pelos cidadãos de acordo com as vivências que lhe trouxeram sensações de prazer, saúde física e mental, ou, melhor dizendo, levaram-no a um estado de bem estar. Estas sensações estão diretamente ligadas a três verbos: ser (sentimento de se sentir parte integrante do meio em que se vive com identidade social); amar (refere-se a relacionamentos saudáveis e que estimulem o desenvolvimento do sujeito); e ter (ter recursos econômicos para possibilitar a si mesmo as necessidades básicas do ser humano, como saúde, moradia, educação e lazer) (WILSON, 2002).

estivesse vivenciando aquele mesmo momento só em descrevê-lo, da sensação de paz e de proteção que havia naquelas vivências.

Recordo-me também das idas ao Parque da Cidade, dos jogos de futebol com o meu irmão e com o meu pai, de como nos divertíamos nos brinquedos que ali existiam, do cheiro do verde, do piquenique na sombra das árvores, da sensação de liberdade que tomava conta de mim. Lembro-me também das idas à praia, das viagens de férias sempre para locais com muito verde e ambiente natural. Lembro-me das conversas e histórias contadas por minha mãe, enquanto todos nós esperávamos o sono chegar, deitados na cama dela. Eram histórias sobre suas vivências com os meus avós e tios, sobre seus romances e paixões e, principalmente, sobre como ela achava bonito o desenvolvimento intelectual do meu avô e como ele conseguia ser cidadão, sempre respeitando o outro.

Na minha adolescência, os ambientes também não mudaram muito. As recordações que me trazem bem estar estão ligadas a viagens com primos e amigos para locais de praia e ou fazendas, normalmente ambientes ricos em recursos naturais, o que não foi muito diferente na minha fase adulta. Percebo, então, que a busca por estudar Ciências Biológicas na UCSAL esteve diretamente ligada a todas as boas sensações que vivenciei na minha infância, era um querer cuidar daquilo que me deu bem estar e que me faz bem.

Diante da busca incessante de um conhecimento científico que pudesse ajudar a melhorar a minha qualidade de vida, sem desconsiderar as vivências que já trazia em meu íntimo, a concepção de ciência que melhor acalentou as minhas necessidades é a trazida por Alves (1981), onde o conhecimento científico é uma metamorfose das experiências culturais, e qualquer sujeito, ao formular uma hipótese para resolver uma problemática cotidiana, está fazendo ciência, e este pensamento me fazia sentir um autor da minha própria vida.

Na minha busca acadêmica e profissional, circulei pela área ambientalista, conservacionista e, quanto mais me via protegendo o meio ambiente, mais vazio me sentia enquanto biólogo, pois me percebia tentando preservar algo sem dar o cuidado devido ao ser agressor da natureza, até estagiar no Zoológico de Salvador, no ano de 2004, na área de Educação Ambiental. Durante os dois anos de estágio, aprendi com a minha coordenadora de área, Surama Rebouças, que

era muito importante cuidar do meio em que se vive, mas, para um profissional da área ambiental, era ainda mais importante cuidar dos sujeitos que fazem parte deste meio e que não se sentem participantes, pois são estes que contribuem para a degradação ambiental. E todo este processo só foi internalizado por mim durante a construção da minha monografia de conclusão do curso de Ciências Biológicas. A partir desse momento, resolvi testar a eficácia de atividades lúdicas como instrumento para a educação ambiental no Zoológico de Salvador, com crianças moradoras da comunidade circunvizinha deste parque ecológico.

Com a pesquisa, percebi que as crianças degradavam o parque e não se apropriavam deste, porque o parque proporcionava impacto negativo em suas vivências diárias. De imediato, apreendi que a hostilização que sofriam pelos seguranças toda vez que tentavam brincar naquele ambiente proporcionou um relacionamento agressivo destes jovens com o zoológico, desenvolvendo neles um discurso que o parque era do Estado e não um bem público que lhes pertencia também. Com as atividades lúdicas desenvolvidas dentro do Parque, nas áreas públicas, estas crianças passaram a demonstrar um afeto positivo com aquele ambiente e, no final desse processo, já era possível perceber um cuidado com o zoológico, que deixou de ser do Estado e tinha passado a ser delas também (BARRETO *et all*, 2008). Com as reflexões sobre essa pesquisa, percebi que, como educador, eu poderia ajudar de forma mais eficiente o meio ambiente. Com isso, comecei a me interessar pela área de educação e fui ser professor.

Especializei-me em Escola e Comunidade na UFS, em Aracaju, e resolvi, desde então, sensibilizar sujeitos para que pudessem experimentar, em algum momento das suas vidas, as sensações que, um dia vivi, na infância. Queria lhes incentivar essas experiências a fim de que, assim como eu, tentassem cuidar do meio em que vivem, simplesmente porque se relacionar com o meio ambiente saudável trás bem estar.

A fim de buscar meios para imprimir qualidade ao meu ofício de professor pesquisador-reflexivo, tive a necessidade de fazer um curso de mestrado. Inicialmente, na condição de aluno especial, vinculei-me ao curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade do PPGEduc na UNEB. Cursei algumas disciplinas e compreendi a importância de conceber o sujeito em todos os seus aspectos, social, ambiental, levando em consideração suas formações subjetivas, como o afeto e a ética. Entrei em um grupo de pesquisa desse programa, o qual

estudava educação, psicanálise e representação social, onde participei de produções científicas por dois anos. Mas acredito que a convivência somente com psicólogos e pedagogos me fez sentir falta da minha área de formação, pois me parecia que, para pesquisar educação ambiental, eu deveria me reaproximar das ciências biológicas. E foi este sentimento que me motivou a entrar no Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental, no PPGPTDS da UCSal.

Hoje, em um mestrado interdisciplinar, percebo com maior clareza as múltiplas ciências que envolvem uma educação ambiental. Entendo que o olhar de um biólogo é somente uma vertente a ser analisada quando se tenta mediar um conflito socioambiental, o que me faz ser muito grato à vida por me permitir circular por diversas ciências na minha formação acadêmica.

Nesta pesquisa, estudar o conhecimento científico e a experiência cultural que permeiam o agir do sujeito no ambiente possibilita-me compreender a experiência cultural vivenciada como engrenagem de atuação na sociedade em que vivo. O conhecimento científico adquirido desde a escola até a vida profissional serve de arcabouço para solucionar problemáticas em vivências quer profissionais quer pessoais.

Frente a essa autoanálise, percebo que a representação de qualidade de vida suscitada em mim depende de todas as relações que me formam enquanto cidadão, e este processo não poderia ser diferente com outros sujeitos na concepção da representação que possuem de qualidade de vida, onde outras relações e outras representações surgem como uma adaptação do sujeito ao meio, diante das informações científicas e culturais que vivenciam (MAZOTTI, 1997).

Situamo-nos frente a um processo formador do sujeito social estabelecido entre indivíduo e sociedade, que buscamos compreender para identificar possibilidades de ser potencializado como processo pedagógico de Educação Ambiental e, portanto, favorável à qualidade de vida. Dessa forma, ao pensar nos sujeitos moradores da cidade de Candeias, questiono-me: como será que articulam o conhecimento científico apreendido na escola com a experiência cultural que vivenciaram? O que, nessa articulação, legitimaria uma ação de Educação Ambiental para que tenham qualidade de vida?

Tentar entender essa relação diante do agir desses sujeitos no ambiente que os cerca foi o que me motivou a desenvolver a pesquisa que originou esta dissertação, pois convirjo com a perspectiva de que um planejamento ambiental real deve surgir das necessidades e do desejo da comunidade. Nesse sentido, Buarque (2008) afirma que um planejamento ambiental deve surgir das necessidades sociais locais, focando o desenvolvimento sustentável e tendo como metas a participação, a negociação e a reflexão social.

O processo formativo que dá suporte a esta problematização afluí à compreensão de que a experiência cultural que um sujeito vivencia o conduz em sua vida cotidiana, e quando, em algum momento, é necessário racionalizar sobre uma situação problema, o consciente desse sujeito busca, em seus arquivos psicológicos, todos os conhecimentos que possui, entre eles, o conhecimento científico, a fim de que haja uma solução racional para o devido problema (ALVES, 1981; FREINET, 2004; VYGOTSKY, 1989).

Dessa forma, o sujeito pode seguir somente suas experiências culturais ou utilizar também do conhecimento científico, embora, em alguns momentos da vida cotidiana, a experiência cultural acabe por se confundir com o conhecimento científico, como, por exemplo, ao experimentar e conceber o “bochechar do chá de aroeira como eficaz cicatrizante de aftas”. Em outros momentos, a experiência cultural rege o racional, a exemplo da crença de que “não se pode comer jaca e tomar leite em seguida, pois pode provocar morte”. Em outros momentos, percebe-se que o conhecimento científico “polícia” a experiência cultural, como “café, em alguns momentos, faz bem, em outros, faz mal”. E, em algumas vezes, o conhecimento científico rege o racional, como quando se pensa “o melhor ao se fazer em uma tempestade é ficar em um campo aberto e agachado”.

Todo esse processo reflexivo deu início à redação dissertativa e ao caminho percorrido para o entendimento desta relação entre conhecimento científico e experiência cultural frente ao agir dos estudantes candeenses do SESI/Piatã no meio em que vivem, em prol da qualidade de vida destes sujeitos, visando a uma educação ambiental legitimada. Esta dissertação divide-se em cinco seções. E os critérios para tal divisão textual são detalhados nas linhas a seguir.

Nesta seção inicial, intitulada *Introdução em linhas memoriais*³, optei por trazer parte da minha história de vida, por meio de um processo auto-analítico. As cenas (re)vivenciadas nesse período serviram de mote para fundamentar muitas das reflexões acerca do tema tratado nesta pesquisa, pois acredito que, assim, seja possível vislumbrar, de forma mais clara, as necessidades dos estudantes candeenses ao discutir experiência cultural e conhecimento científico enlaçados em busca de uma melhor qualidade de vida no município de Candeias, conforme as afirmações de Alves (1981), Barreto *et all* (2008), Freinet (2004), Mazotti (1997), Vygotsky (1989), entre outros. Ainda aqui, esboço a estrutura desta dissertação, ressaltando de que trata cada seção e, sobre cada uma delas, resalto os teóricos que lastrearam as reflexões fundamentais a cada etapa da pesquisa.

Já na segunda seção, intitulada *Conhecimento científico⁴ e experiência cultural⁵: um enlace necessário*, discorri sobre a relação entre conhecimento científico e experiência cultural, assim como as diversas formas de amalgamação entre estes saberes, no intuito de entender como ocorre essa integração. Para tanto, trouxe à baila os conceitos de formação do conhecimento científico, de senso comum, do mito científico e da ciência condicionada ao capital cultural, dos teóricos Alves (1981), Capra (1988), Freinet (2004), Freire (1994), Freire (2002), Rosa (2012), entre outros. Esta seção é composta por duas subseções. Na primeira (2.1), *Locus da pesquisa: Candeias e a experiência cultural candeense*, descrevo, de maneira breve, a história da cidade de Candeias, salientando, concomitantemente, os diversos fatores que contribuíram para a formação da experiência cultural local, tendo como base a pesquisa histórica de Santos (2008) e dados do IBGE (2012). Na segunda subseção (2.2), *Metodologia*, detalho os passos metodológicos da pesquisa, evidenciando quais procedimentos foram fundamentais para conseguir apreender as representações dos estudantes do SESI, moradores

³ A narrativa de si é um processo provocativo e reflexivo de construção de significados que implicam várias dimensões da vida. É ainda um processo no qual o autor pode se reinventar e entender melhor a si mesmo, o mundo e o outro, por meio da (re)leitura e análise das experiências vivenciadas (FOUCAULT, 1996 e LARROSA, 1996). Na ciência, em nítido contraste com as artes, a biografia de um cientista ou acadêmico normalmente não é abordada quando se discute sua obra acadêmica. Por trás disso, está o ideal de universalidade e objetividade da ciência, em especial, nas ciências naturais (LEPENIES, 2009, p. 67 e 68).

⁴ Tanto o paradigma de conhecimento científico quanto os autores utilizados nesta sessão fazem parte de um consenso formado por verdades científicas que utilizo na minha formação enquanto educador socioambiental. Perfazendo a afirmação de Khun (1991), entendo que as verdades científicas são produções de consensos e que outras verdades e outros consensos existem e, por vezes, são antagônicos aos escolhidos por mim.

⁵ A cultura, nesta dissertação, tem como significado o trazido por Bauman (2012) em seu livro *Ensaio sobre o conceito de cultura*, o de cultura identitária formada por vivências, experiências e valores que dão identidade a um sujeito. A identidade pessoal confere significado ao eu, e a identidade social garante o significado, o que permite que se fale em um “nós” (BAUMAN, 2012).

de Candeias, em relação à melhoria da qualidade de vida, ao considerar as experiências culturais e os conhecimentos científicos que permeiam o desejo deles, baseando-me nos teóricos Bardin (1977), Leff (2006), Mutti (2006), Oliveira (2008), Toledo (2009), entre outros.

Na terceira seção, intitulada *Ajustando o laço: o que foi apreendido na pesquisa*, a escrita versou sobre a apreensão da representação social do grupo amostral em relação à cidade de Candeias e aos fatores que propiciam e dificultam ações para uma melhor qualidade de vida desses sujeitos.

Em *O cingir dos ditos: análise do processo*, quarta seção desta dissertação, por meio da análise do conteúdo formulada por Bardin (1977), organizei as informações apreendidas, tabulei-as e analisei o conteúdo expressado na fala do grupo amostral. Recorri ao uso da *Árvore da Ecologia Profunda* (que nomeia a subseção 4.1), criada pelo ambientalista Harding (2008), com o intuito de fomentar uma racionalização do grupo amostral sobre os seus ditos.

Na quinta seção, intitulada *Ação proposta: educação ambiental legitimada*, as conclusões acerca dos resultados da pesquisa levaram-me à escrita sobre uma educação ambiental legitimada que forneça reflexão e motivação para que os alunos do SESI se mobilizem em prol da qualidade de vida deles. Assim, foi concebida uma educação ambiental que se perfila no lastro teórico: Etnoecologia, Ecosofia (GUATTARI, 1990) e Pedagogias do Oprimido (FREIRE, 1987) e do Bom Senso (FREINET, 2004).

2 CONHECIMENTO CIENTÍFICO E EXPERIÊNCIA CULTURAL: UM ENLACE NECESSÁRIO

“[...] a ciência e o senso comum são expressões da mesma necessidade básica, a de compreender o mundo em que se vive” (ALVES, 1981, p. 16).

O desenvolvimento da humanidade tem produzido diferentes saberes constituintes das experiências culturais, que, por sua vez, produzem conhecimentos específicos, como o científico, o filosófico, o religioso, entre outros. E todos eles se distinguem da experiência cultural, por esta ser um saber vivenciado.

Em épocas que antecedem a hominização (pré-história), a transmissão dos saberes vivenciados ocorria, muitas vezes, através da observação direta, na qual os humanos joviais de determinado grupo social observavam os mais experientes desenvolverem atividades cotidianas e, por meio da repetição das ações visualizadas, tentavam reproduzir a mesma atividade (ROSA, 2012). Este processo foi fundamental para que os mais novos conseguissem apreender as técnicas de sobrevivência diante das adversidades do meio natural relacionadas às situações temporais, climáticas e de convívio com outros seres. Esta relação é comumente observada também nos chimpanzés, quando os mais velhos transmitem aos mais jovens comportamentos sociais e técnicas para manusear instrumentos que possibilitam uma melhor qualidade para as suas vivências cotidianas (VYGOTSKY, 1989).

A importância da pré-história é dada pelo surgimento de técnicas elaboradas de sobrevivência da espécie humana. Foi uma evolução técnica, lenta e paulatina de instrumentos e métodos de caça, armazenamento e conservação de alimentos, além da produção de vestimentas. Este desenvolvimento é resultado de uma experiência cumulativa e coletiva voltada para as necessidades materiais, onde cada geração herdou experiências das anteriores (ROSA, 2012).

Ainda na pré-história, em uma época chamada de Paleolítico Superior, aparece o ancestral humano com áreas corticais associadas à motivação, à memória, à previsão e à imaginação bastante desenvolvidas, além de uma modificação na faringe, na laringe e na língua, o que permitiu uma variação de sons e a fala articulada (ROSA, 2012).

Com o surgimento da linguagem falada, esses conhecimentos e técnicas passaram a ser transmitidos por meio de sistemas de pensamentos, traduzindo-se em narrativas de fatos sequenciais relacionados simbolicamente, ou seja, mitos, tendo como objetivo criar e perpetuar práticas, técnicas e pedagogias para a utilização dos recursos naturais existentes (FREIRE, 2002).

Por ainda não produzirem sinais escritos e por haver a necessidade de perpetuar essas técnicas e práticas, as experiências e conhecimentos eram legados sob a forma de histórias míticas. Essas, por mais absurdas e complexas que parecessem ser, tinham como finalidade transmitir um conhecimento empírico (FREIRE, 2002).

No período chamado Era dos Metais, surgiram duas inovações que fizeram a espécie humana dar um salto evolutivo, foram elas: a contagem e a escrita. A contagem foi meramente técnica, voltada para o comércio como medição de peso, volume e área, e o surgimento da escrita teve como principal fator a necessidade de registrar as vontades dos líderes na organização social (ROSA, 2012). Essas inovações não foram criadas por um gênio que surgiu nessa época, e sim por um processo cultural evolutivo (ROSA, 2012).

Todo esse processo evolutivo induziu o desenvolvimento cognitivo do ser humano, suscitando a curiosidade e a necessidade de explicar os questionamentos primários da humanidade, tais como: de onde viemos? Quem e como somos? Por que estamos aqui? Para onde iremos? Estas questões propiciaram o surgimento da ciência e, conseqüentemente, do conhecimento científico no período histórico (SANTILLANA, 1970; ROSA, 2012).

A gradual evolução do conhecimento científico ocidental, que visa a entender os fenômenos naturais, teve contribuições: dos gregos e seus estudos sobre o cosmo, do formidável legado cultural helênico; das vastas culturas indiana e chinesa; e da elite intelectual no mundo árabe (ROSA, 2012).

Durante séculos, este conhecimento permaneceu ainda entranhado à cultura, pois, pós-histórias míticas, este ainda estava ligado à fé e a crenças místicas, e sua principal finalidade

era compreender o significado dos ciclos naturais. Desta forma, o homem não se percebia fora do meio ambiente, e esta visão não o permitia vislumbrar um controle sobre a natureza (CAPRA, 1988; ROSA, 2012).

A expansão colonial do século XVI e a revolução industrial no século XVIII substituíram, gradativamente, a noção de ambiente sagrado e místico, que devia ser respeitado e cuidado pelos seres humanos, pela visão de que o mundo era constituído por recursos naturais para o progresso humano (CAPRA 1988). Esse processo se deu em um período de relativa abundância, em virtude da expansão colonial europeia, do aumento da população e, conseqüentemente, dos meios de produção do sistema comercial e bancário e do surgimento dos grandes exércitos modernos (SMITH, 2007).

Toda essa revolução, com enfoque global, propiciou uma drástica mudança na concepção que o ser humano tinha do meio ambiente. Valores que conduziam a um comportamento “ecológico” foram modificados, ocorrendo uma restrição cultural à ciência, em que o comum não podia contribuir com a produção de conhecimento científico, pois atrapalhava seu desenvolvimento. Foi esta concepção de conhecimento, imbricado ao senso de riqueza, que propiciou a manipulação e a exploração do meio ambiente para fins científicos em prol do progresso humano (CAPRA, 1988).

Esse distanciamento entre cultura e ciência torna-se mais evidente quando se instituem as sociedades científicas, as quais, inicialmente, comunicavam-se por meio de cartas para discutir resultados científicos. Essa ação, posteriormente, contribuiu para o surgimento de um meio social, material e simbólico, afastado do senso comum (CAPRA, 1988; KUHN, 1991).

Essa postura científica, distante do senso comum, teve a contribuição contundente das igrejas romanas ortodoxas e, posteriormente, das protestantes. As Igrejas, ao se aproximarem das sociedades científicas, tendo como discurso o de proteger a produção da ciência diante da barbárie que ocorria entre os cleros em busca de território, mas com interesse escuso em manter sua autoridade temporal e espiritual, contribuiu com a produção de uma sociedade crente, supersticiosa e dependente da orientação moral e intelectual do clero científico (ROSA, 2012).

A ciência e seu conhecimento permaneceram afastados do senso comum até meados do século XX, quando o conhecimento científico fez a mudança mais significativa nos padrões culturais, com o surgimento das teorias quânticas e da relatividade. Iniciou, nesse período, uma nova forma de se observar e vivenciar o mundo, pois tudo – o que se via, sentia e percebia – era apenas parte da realidade, e o certo e o errado passaram a ser relativos (CAPRA, 1988).

Essas teorias causaram profundas mudanças nos conceitos de espaço, tempo, matéria, objeto, causa e efeito, e o universo passou a ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas (CAPRA, 1988).

Esta inter-relação universal tira o ser humano do centro do universo, do posto de manipulador da natureza e o coloca em uma teia ecológica, onde cada ser tem sua importância para o equilíbrio ambiental-social, e cada ação tem uma consequência que pode ser positiva ou não para o desenvolvimento de todos os seres vivos (CAPRA, 1988).

A aplicabilidade da ciência na vida cotidiana da população e as tentativas de entender os fenômenos relacionais ambientais e sociais fizeram com que esse conhecimento ganhasse um prestígio popular e que os cientistas tivessem mais liberdade em pesquisar (ROSA, 2012). Esse novo paradigma quântico científico deixa dois principais caminhos para que os sujeitos possam se relacionar com a ciência (CAPRA, 1988).

No primeiro deles, a ciência produz seu conhecimento e determina, de forma autoritária, de cima para baixo, como o sujeito deve se relacionar com o meio em que vive. Esse processo apresenta pouca dedicação e pouca atenção dada à experiência cultural local (ESCRIVÃO *et al.*, 2011).

Para Freire (1994), é nessa relação que os sujeitos são oprimidos, destituídos da função de coautores do sistema socioambiental e intimidados a aceitar paradigmas que, por vezes, distanciam-se da realidade em que vivem, tornando-os apáticos e frustrados enquanto sujeitos sociais e individuais, produzindo um conhecimento dicotômico e esvaziado de sentido da vida (FREIRE, 1994; ALENCAR, 2003; FREINET, 2004).

Para esse tipo de relação entre conhecimento científico e experiência cultural, o cientista é o mito que induz o comportamento e, conseqüentemente, inibe o pensamento dos sujeitos comuns. Ele representa a classe pensante da sociedade em que o sujeito comum é liberado de pensar e tem, simplesmente, por obrigação agir de acordo com que os cientistas produzem (ALVES, 1981).

A ciência, nessa vertente, funciona através de paradigmas, ou seja, tem por objetivo produzir modelos que solucionem problemas criados pela comunidade científica ao tentar desvelar o mundo. Esses paradigmas formulados pelos cientistas e utilizados pela ciência são, da mesma forma, aplicados para solucionar problemáticas sociais, instituindo um padrão científico que ignora toda a experiência cultural produzida por determinada comunidade (KHUM, 1991).

A base desse tipo de conhecimento científico está na especialização do cientista, pois, quanto mais especializado o cientista, menos ele percebe o sentido macro de determinada problemática e mais se afasta do senso comum, tornando-se conhecedor de uma pequena parte do todo. Foi esta ciência que produziu a nomenclatura “senso comum”, no intuito de se diferenciar daqueles sujeitos que não tiveram o treinamento da ciência para produzir conhecimento científico. Assim, para esta ciência, o senso comum é oriundo do dia a dia, não tem como vetor o que a ciência definiu como científico e, por conseguinte, não deve ser levado em consideração para a produção de conhecimento (ALVES, 1981).

Na outra relação possível entre conhecimento científico e experiência cultural, a ciência está condicionada ao capital cultural, aos impactos e às alternativas que possibilitam a construção de uma sociedade democrática, justa e ecologicamente sustentável, em que se respeita a diversidade biológica e sociocultural da vida (REIGOTA, 2007). Esta ciência se baseia nas teorias de causa e efeito e fomenta o enlaçamento entre o conhecimento científico e a experiência cultural na busca de soluções para as diversas problemáticas socioambientais, respeitando a diversidade e a pluralidade de conhecimentos existentes em determinada sociedade.

Ao falar sobre essa relação, Alves (1981) traz a ciência como uma metamorfose da experiência cultural e do senso comum, afirmando que “[...] sem estes, ela não existiria e é

por isso que não tem nada de extraordinário na ciência”. O autor ainda complementa seu raciocínio, afirmando que todo sujeito social, na busca por respostas para as problemáticas do dia a dia, faz ciência, o que torna o senso comum e a ciência expressões da mesma necessidade básica, a de solucionar problemas cotidianos vivenciados por meio da experiência cultural. Para Alves (1981), qualquer conhecimento oriundo da experiência cultural resulta em conhecimento científico, toda hipótese criada e a busca por soluções para se resolver problemas cotidianos são, de alguma forma, produção científica.

É essa concepção de conhecimento científico que faz a ciência que valoriza a experiência cultural ser caracterizada como oriunda da vida cotidiana e que, por consequência, respeita as necessidades vitais, individuais e sociais de determinada população (FREINET, 2004). Devido a esta relação entre conhecimento científico e experiência cultural, os sujeitos ditos comuns tornam-se coautores do meio onde vivem, pois tal relação lhes possibilita utilizar o conhecimento científico como instrumento solucionador de problemas provenientes das experiências culturais. E esta possibilidade constrói uma ciência em prol da vida e pela vida (FREINET, 2004).

Freire (1994) afirma que, quando o conhecimento científico está impregnado de experiência cultural, há uma tendência “libertária” da consciência dos sujeitos, tornando-os críticos às problemáticas socioambientais locais, possibilitando-lhes fazer histórias. Mas escolher como relacionar o conhecimento científico com a experiência cultural na solução de problemas das vivências diárias não é uma opção simples e individual. Muitas vezes, esta escolha depende do contexto social em que os sujeitos estão inseridos, sendo que, para cada contexto social, existem comportamentos e escolhas diferentes de determinados conhecimentos científicos.

Como esses adolescentes estudam em uma instituição tecnicista, formadora de funcionários aptos a trabalhar na indústria, e por saber que a educação técnica segue paradigmas científicos clássicos, nesta pesquisa, visa-se a avaliar a relação entre o conhecimento científico apreendido na escola pelos estudantes do SESI – Piatã, moradores de Candeias e a experiência cultural vivenciada por esses alunos. Essa é uma tentativa de perceber como esta relação influencia o agir destes estudantes em prol de sua qualidade de vida.

Em uma tentativa de maximizar esta relação a proposta de educação ambiental legitimada desenvolvida nesta dissertação apresenta um caráter ecológico socioambiental, sendo embasada por ciências que visam a compreender: tanto os diversos níveis relacionais do ser humano (ambiental, social e mental), quanto a maneira como, diante desses níveis, ocorre a relação entre conhecimento científico e experiência cultural, a fim de que os adolescentes, objetos desta pesquisa, consigam agir no meio ambiente, para melhorar a qualidade de vida deles.

2.1 *LOCUS* DA PESQUISA: CANDEIAS E A EXPERIÊNCIA CULTURAL CANDEENSE

Os estudos relacionados à experiência cultural, neste capítulo, visam a compreender como a identidade cultural dos alunos do SESI, moradores de Candeias, formou-se de acordo com a evolução histórica deste município.

A identidade cultural não está relacionada ao pertencimento de alguém a determinada sociedade, por ter nascido nela, nem simplesmente, por se viver em determinado ambiente. E sim, com a identificação de um sujeito a determinada sociedade de acordo com suas experiências e histórias de vida, quando comunga pensamentos e perspectivas futuras. É como se os comuns tivessem passado pelo mesmo teste e, por isso, apresentam as mesmas experiências culturais (BAUMAN, 2012). Desta forma, fez-se necessário um estudo histórico da cidade de Candeias no intuito de entender a formação destas experiências culturais.

Candeias é um município do Estado da Bahia, um dos doze municípios da RMS – Região Metropolitana de Salvador (capital da Bahia), é o 26º Território de Identidade da Bahia (o mais recente deles, constituído em 2009). Situada no Recôncavo Baiano e no entorno da Baía de Todos os Santos, tem uma área de 258,357 Km². Seu território é cortado ao meio pela BR-324, desta forma, encontra-se na ligação entre as duas principais cidades da Bahia (IBGE, 2010). Apresenta uma população estimada de 83.158 habitantes e tem o comércio e a indústria como principais fontes para o produto interno bruto (IBGE, 2010).

Este município surgiu em meados do século XVI, a partir das terras conhecidas como Matoim. Nesta localidade, encontravam-se os engenhos de Cabôto e Freguesia, oriundos das terras dos Engenhos Pitanga e da Freguesia de Nossa Senhora de Encarnação do Passé (IBGE, 2012). O lugarejo chamado Cabôto (futura Candeias) tinha como atividade principal o transporte de cana-de-açúcar para a capital, já que alguns dos principais engenhos se localizavam nessas redondezas. Esse processo deu início ao florescimento da economia açucareira no recôncavo (IBGE, 2012).



Ilustração 01. Mapa da localização de Candeias/BA.

Após a invasão holandesa, as terras do Engenho Pitanga, propriedade dos jesuítas, foram leiloadas e arrematadas pelo Coronel Jerônimo Queiroz. Nessas terras, nasceu um lugarejo que passou a se chamar Nossa Senhora das Candeias, em homenagem à padroeira da pequena capela que existia no local. Com o aumento da lavoura açucareira, creceu o número de engenhos e de lugarejos nessas proximidades, a introdução da máquina a vapor possibilitou o aparecimento das usinas e, em seguida, houve a construção da linha ferroviária, o que colaborou para a transformação do lugarejo (IBGE, 2012).

Nesse mesmo período, aconteceu um fato marcante: uma criança cega banhou-se nas águas da fonte próxima à colina, onde se localiza a igreja de Nossa Senhora das Candeias, e voltou a enxergar (SANTOS, 2008). A partir desse episódio, o arraial de Nossa Senhora das Candeias passou a ser visitado por romeiros oriundos de todo o Recôncavo Baiano. Esse ritual, então, repetiu-se ano após ano, o que modificou totalmente a realidade da vila, mas a verdadeira mudança aconteceu em meados de 1941, quando houve a descoberta de petróleo no município (IBGE, 2012). O arraial foi modificado completamente, transformando-se em uma cidade que,

em poucos anos, foi invadida por grupos de trabalhadores qualificados e não qualificados de toda a parte do Brasil. No ano de 1958, nasceu, então, a cidade de Candeias (IBGE, 2012; SANTOS, 2008).

O petróleo favoreceu a industrialização na região, fator que possibilitou a emancipação política e econômica da cidade, sendo este município, no ano de 1969, considerado o terceiro mais populoso da Bahia. Com sua emancipação e inserção na RMS, na década de 1950, Candeias sofreu intensa metropolização. Junto a este processo, surgiram problemas urbanos, tais como mau funcionamento do sistema de transportes, do saneamento básico, da saúde, do uso do solo e outros. Por estar em uma área de morros e montes e por ter crescido sem planejamento urbano, Candeias tomou um aspecto de favela (SANTOS, 2008).

O processo de industrialização candeense, o qual substituiu as atividades açucareiras, propiciou uma dependência do município às atividades industriais, de tal forma que o PIB e os empregos na cidade de Candeias passaram a depender, quase que totalmente, das atividades industriais (SANTOS, 2008). Houve o aumento da industrialização, não somente em Candeias, mas em todo o país. Preocupados com as tensões sociais que surgiram pós-segunda guerra mundial, empresários da indústria, comércio e agricultura criaram um plano de ação social para Brasil. Exposto na Carta Econômica de Teresópolis⁶, o pensamento ganhou força após uma reunião de sindicatos patronais e empregados de Minas Gerais, onde se elaborou a Carta da Paz Social⁷, amparada pelos princípios de solidariedade social, os quais norteariam a criação do SESI (SESI, 2012).

⁶ Um dos marcos da atuação política da FECOMÉRCIO foi a ativa participação na Conferência de Teresópolis, evento que reuniu as classes produtoras do país para uma avaliação dos seus problemas em comum. Realizada em 1945, a Conferência tinha como objetivo debater a reorganização econômica no pós-guerra [...], coincidentemente, o evento encerrou-se apenas um dia antes da rendição alemã e do término da guerra na Europa. Como resultado do encontro, foi elaborado um documento que ficou conhecido como “Carta Econômica de Teresópolis”. Ao mesmo tempo em que enfatizava a industrialização, a Carta afirmava que “à democracia política, que é a vocação dos brasileiros, deve corresponder uma verdadeira democracia econômica” e defendia que a produção “deve ser organizada com o preparo das leis, das instituições, do aparelhamento administrativo, e com a cooperação dos capitais e da técnica das nações amigas, notadamente de nossos aliados norte-americanos” (FECOMÉRCIO, 2013).

⁷ Inspirados nos princípios sociais da Carta de Teresópolis, um grupo de empresários lançou, em 1946, a Carta da Paz Social, expressando sua preocupação com a polarização entre o capital e o trabalho e propondo o que era visto como a possibilidade de estabelecer solidariedade e harmonia entre as classes, propugnando que o primeiro passo para humanizar essas relações seria a criação dos serviços sociais, tanto da indústria, quanto do comércio [...] a Carta propunha a criação de um Fundo Social constituído pela contribuição de cada empresa – agrícola, industrial e comercial – a ser aplicado em obras e serviços que beneficiem os empregados, visando ao maior

No dia 1º de julho de 1946, nasceu efetivamente o SESI, uma entidade de direito privado, mantida e administrada pela indústria, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do industriário e seus dependentes. Suas atividades sempre incluíram a prestação de serviços em saúde, educação, lazer, cultura, nutrição e promoção da cidadania (SESI, 2012).

No ano de 1991, o SESI instala uma sede no município de Candeias, tendo como missão promover a qualidade de vida do trabalhador e de seus dependentes, assim como estimular a gestão socialmente responsável da empresa industrial com foco em Educação (SESI, 2012).

Anos depois, quando algumas das principais indústrias da região fecharam suas portas, houve um êxodo para a capital em busca de emprego, processo que fez de Candeias uma cidade-dormitório. Devido a este processo de mudança econômica, muitos dos candeenses, não conseguindo espaço na indústria, voltaram suas atividades econômicas para o comércio na própria cidade ou tentaram buscar seu sustento na capital baiana (SANTOS, 2008). Esse processo de perda econômica fez com que a população de Candeias não mais vislumbrasse um futuro saudável neste município, alegando a falta de estrutura básica para o sustento e a sobrevivência de seus familiares.

Na contemporaneidade, Candeias se apresenta como uma das cidades com maior índice de violência da Bahia (WAISELFISZ, 2013). Os altos níveis de alcoolismo e de prostituição assolam a juventude candeense. Preocupado com essa situação social, o SESI Candeias decide, no ano de 2012, desenvolver como projeto interdisciplinar o tema *Saúde e qualidade de vida: repensando nossas posturas por uma perspectiva transformadora*, no intuito de promover senso crítico nos alunos desta instituição, em uma tentativa de motivá-los a observar outras possibilidades de como se posicionar diante da vida.



Ilustração 02. Foto de satélite de Candeias/BA.

2.1. METODOLOGIA

A metodologia aqui descrita teve por finalidade apreender como a experiência cultural dos alunos estudantes do SESI, ensino médio, moradores da cidade de Candeias/BA, relaciona-se com o conhecimento científico adquirido na escola, diante do agir destes sujeitos no ambiente, ao vislumbrar uma melhor qualidade de vida.

Das onze turmas nas quais leciono, sendo três do segundo ano do ensino médio, e nove do primeiro ano do ensino médio, resolvi estudar os alunos do primeiro ano, por dois motivos distintos: o primeiro deles é que, proporcionalmente, haveria mais alunos para estudar nas turmas de primeiro ano, e em segundo, estes ainda trazem consigo muita referência da cidade de Candeias, pois é o primeiro ano em que estes sujeitos estudam em Salvador.

A soma total dos alunos de primeiro ano, matriculados nas nove turmas nas quais leciono, é de 299 adolescentes. Destes, 74 são moradores de Candeias, os quais constituem a população a ser pesquisada.

Devido ao curto espaço de tempo para desenvolver uma pesquisa dissertativa, houve a opção de estudar inicialmente 20 por cento dos 74 alunos moradores da cidade de Candeias. Esta porcentagem compõe a amostra formada por 15 alunos, com faixa etária em torno de 15 anos de idade, sendo 5 adolescentes do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

A formação do grupo amostral foi desenvolvida de forma intencional não probabilística. Os alunos moradores de Candeias foram informados pela instituição sobre a pesquisa dissertativa a ser desenvolvida. Assim, os que quiseram participar da pesquisa inscreveram-se na Central de Apoio ao Aluno do SESI/Piatã. Foram inscritos 42 adolescentes, e os 15 primeiros foram selecionados para formar a amostra desta pesquisa. Destes 15, 4 desistiram da pesquisa durante o percurso, mas por ter esgotado as informações necessárias a pesquisa, o grupo amostral permaneceu com 11 sujeitos até o final.

O número de sujeitos a formar uma pesquisa qualitativa está relacionado ao esgotamento das informações sobre o objeto analisado. Assim, os 27 alunos restantes seriam convocados, caso não houvesse uma repetição maciça das informações necessárias à pesquisa.

Para uma abordagem qualitativa, o critério fundamental não é o quantitativo, mas sua possibilidade de incursão [...] é essencial que o pesquisador seja capaz de compreender o objeto de estudo [...] este deve ser capaz de identificar e analisar profundamente dados não-mensuráveis, como sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico [...] a quantidade de pessoas entrevistadas deve, no entanto, permitir que haja a reincidência de informações ou saturação dos dados, situação ocorrida quando nenhuma informação nova é acrescentada com a continuidade do processo de pesquisa (MINAYO, 1999, p.570).

Com o grupo amostral formado, a coleta de dados teve início no dia 11 de agosto de 2013 e foi concluída no dia 30 de agosto do mesmo ano, seguindo os passos descritos a seguir.

O primeiro passo foi conversar com os alunos sobre as possíveis interferências que podem ocorrer na qualidade de vida de um sujeito em um centro urbano e nas áreas rurais. Após este processo, houve a explanação sobre as interferências negativas e/ou positivas que afetavam a minha qualidade, enquanto cidadão morador da cidade de Salvador, pois acredito que falar das minhas dificuldades e dos meus anseios possibilite criar um laço afetivo, no qual os

alunos possam também falar sobre as suas problemáticas e os seus anseios sem expectativa de qualquer julgamento. Este processo é denominado como estabelecimento de *rapport*.⁸

Posteriormente a essa exposição e à discussão sobre algumas dessas problemáticas, os estudantes foram questionados sobre quais interferências ocorrem na cidade de Candeias que afetam a qualidade de vida deles, no intuito de apreender, ainda que superficialmente, como eles representam Candeias, para, assim, dar início à pesquisa propriamente dita.

A primeira atividade foi desenvolvida com o uso de máquina fotográfica ou de celular que pudesse fotografar. Os alunos, durante o percurso entre a casa onde residem e a escola, fotografaram três fatores “bons (que interferem de forma positiva na qualidade de vida deles)” e três “ruins (que interferem de forma negativa na qualidade de vida deles)” que influenciam nas suas relações com o ambiente em que vivem na cidade em questão; em seguida, as fotos foram enviadas via *Facebook*⁹, como mensagem privada. Para cada aluno, foi construída uma pasta, onde foram colocadas as seis fotografias com os títulos (bom1, bom2, bom3 e ruim1, ruim2, ruim3); à medida que as fotos iam sendo transferidas para o professor, era questionada aos alunos a localização de onde as fotos haviam sido tiradas, para, assim, construir um mapa das relações conflituosas e saudáveis na cidade de Candeias.

As fotografias que apareciam rostos dos estudantes, familiares e amigos foram retiradas, assim como ocultado os nomes destes, no intuito de proteger a integridade dos mesmos.

Com todas as fotografias em mãos, foi iniciado o processo de entrevistas com os alunos, no intuito de apreender as relações entre o conhecimento científico e a experiência cultural na fala dos estudantes, por meio dos procedimentos metodológicos da análise do conteúdo. As entrevistas foram semiestruturadas, desenvolvidas através de questões chave para melhor categorizar e tabular o conteúdo da fala destes alunos.

⁸ O *rapport* é uma técnica das ciências psicológicas que visa ao estabelecimento de uma aliança afetiva entre sujeitos, e tem por objetivo abrir as portas para uma comunicação fluente e bem sucedida. Esta técnica possibilita criar aspectos comuns entre duas ou mais pessoas, gerando uma atmosfera de respeito e confiança [...] é fazer o outro enxergar no pesquisador feições íntimas relacionadas a valores, expectativas e anseios, através da explanação de aspectos positivos e negativos de determinada experiência vivenciada pelo pesquisador (PLANALP, 1999).

⁹ Facebook é uma ferramenta virtual com objetivo de formar redes sociais, e apresenta como missão dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado (FACEBOOK, 2014).

Questões: Por que isto é bom ou ruim? Como aprendeu que era bom ou ruim? O que você faz para modificar ou contribuir com esses impactos?

Os resultados foram analisados por meio da análise do conteúdo, tendo como parâmetro Leff¹⁰ (2006) para a categorização e tabulação do conhecimento científico e de Toledo¹¹ (2009) para a tabulação e a categorização das experiências culturais.

A análise do conteúdo ganhou destaque no mundo científico através da psicóloga Laurence Bardin, professora assistente da Universidade de Paris V, que aplicou esta técnica para análises de conteúdos de investigações psicossociológicas e nos estudos de comunicação de massa. Como qualquer conhecimento científico, a análise do conteúdo precisou ser definida, e Bardin definiu-a como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoam constantemente e que se aplicam a discursos diversificados, principalmente, na área das Ciências Sociais, com objetivos bem definidos e que servem para desvelar o que está oculto, mediante decodificação da mensagem (BARDIN, 1977).

A análise do conteúdo pode ser utilizada em pesquisas como ciência ou como um procedimento metodológico de análise para pesquisa, tanto na vertente quantitativa, quanto na qualitativa, mas se devem considerar diferenças entre essas duas abordagens. Na abordagem quantitativa, traça-se uma frequência das características que se repetem no conteúdo analisado; já na abordagem qualitativa, considera-se a presença ou a ausência de certa característica de conteúdo ou conjunto de características em um determinado fragmento de mensagem (BARDIN, 1977; MUTTI, 2006; OLIVEIRA 2008).

Oliveira (2008), de forma clara e didática, ao discorrer sobre a análise do conteúdo, traz parâmetros fundamentais para aplicação deste método de pesquisa. Para ele, o pesquisador

¹⁰ Leff (2006) categoriza o saber ambiental de acordo com a capacidade do sujeito em racionalizar e intervir no ambiente para melhorar a sua qualidade de vida. As categorias são: 1. Não percebe uma problemática ambiental; 2. Percebe uma problemática ambiental, mas não entende a complexidade deste processo; 3. Concebe a complexidade ambiental, mas não racionaliza um processo de mudança íntima e social; 4. Apresenta uma racionalidade ambiental, concebe o novo, racionaliza as suas ações, questiona seus saberes (Para Leff, é este processo que conduz a ação).

¹¹ Toledo (2009) categoriza a experiência cultural de acordo com a sua amplitude e forma de transmissão dessas experiências. São elas: 1. *Cultural*, abarca teoricamente o “saber total” de certa coletividade; 2. *Regional*, demarcada pelo território histórico e pela natureza cultivada que o circunda; 3. *Comunitária*, que se refere ao espaço apropriado por uma comunidade; 4. *Doméstica*, delimitada pela área de apropriação de um produtor e sua família; 5. *Individual* restrita ao espaço do próprio indivíduo.

deve ser objetivo, sistemático, abordar apenas o conteúdo manifestado e deve quantificar os dados:

Objetividade: implica que a análise deve poder ser verificada e reproduzida por outro pesquisador. Para tanto, as unidades decompostas da mensagem, as categorias que servem para classificá-la, devem ser definidas com tal clareza e precisão que outros, a partir dos critérios indicados, possam fazer a mesma decomposição, operar a mesma classificação;

Sistematicidade: a análise deve tomar em consideração tudo o que, no conteúdo, decorre do problema estudado e analisá-lo em função de todas as categorias retidas para fins de pesquisa. Implica impedir toda e qualquer seleção arbitrária que retenha apenas os elementos em acordo com as teses do pesquisador;

Conteúdo Manifesto: implica eliminar as ideias *a priori*, os preconceitos do pesquisador. Para isso, a análise deve abordar apenas o conteúdo manifestado, o que foi efetivamente expressado, e não o conteúdo presumido em função do que o pesquisador crê saber sobre o problema. A mensagem deve ser examinada em si mesma, o que não significa dizer que a análise de conteúdo deva se abster de toda e qualquer extrapolação sobre o conteúdo latente das comunicações. Implica apenas que as extrapolações em direção aos conteúdos latentes devem se apoiar nos conteúdos efetivamente observados;

Construção de Categorias: operação de classificação dos elementos participantes de um conjunto, iniciando pela diferenciação e, seguidamente por reagrupamento, segundo um conjunto de critérios. São rubricas ou classes que reúnem um conjunto de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado segundo os caracteres comuns destes elementos. Implica impor uma nova organização intencional às mensagens, distinta daquela do discurso original;

Análise Categorical: considera a totalidade do texto na análise, passando-o por um crivo de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. É um método de gavetas ou de rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem;

Inferência: operação lógica através da qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras. A intenção maior da análise do conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção de uma mensagem, inferência esta que recorre a indicadores relativos ao texto (OLIVEIRA, 2008, p. 570).

Esses parâmetros descritos por Oliveira (2008) foram criados para que houvesse o cumprimento das etapas detalhadas por Bardin (1977), ao construir a técnica que utilizou

durante as pesquisas que desenvolveu com análise do conteúdo. Na construção da sua técnica, a autora pressupõe quatro etapas, a saber: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados; e a interpretação dos dados. Oliveira (2008) especifica-as, didaticamente, da seguinte forma:

Pré-análise: nesta etapa, são desenvolvidas as operações preparatórias para a análise propriamente dita. Consiste num processo de escolha dos documentos ou definição do *corpus* de análise; formulação das hipóteses e dos objetivos da análise; elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final;

Exploração do material: consiste no processo através do qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo expresso;

Tratamento dos resultados - inferência e interpretação: busca-se, nesta etapa, colocar em relevo as informações fornecidas pela análise, através de quantificação simples ¹²(frequência) ou de forma mais complexas como a análise fatorial¹³, permitindo apresentar os dados. (OLIVEIRA, 2008, p. 572).

Baseando-se nos procedimentos para a utilização da análise do conteúdo, nesta pesquisa dissertativa, foram aplicados os procedimentos vinculados à pesquisa qualitativa, descartando, dessa forma, a frequência de signos linguísticos no tratamento dos resultados. Assim, a análise do conteúdo foi utilizada como instrumento metodológico, no intuito de propiciar o entendimento da relação que os sujeitos constroem entre experiência cultural e conhecimento científico, de acordo com a sua ética e o desejo que os levam a agir em prol da qualidade de vida.

¹² A frequência consiste em enumerar a ocorrência de um mesmo signo linguístico que se repete com frequência, visando a constatar “a pura existência de um ou outro material linguístico”, não se preocupando com o “sentido”, culminando em descrições numéricas e no tratamento estatístico (MUTTI, 2006, p. 683).

¹³ A análise por categorias temáticas ou fatorial tenta encontrar “uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que lhe estão ligados; [...] codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações, [...] em função do julgamento do codificador [...] o que exige qualidades psicológicas complementares como a fineza, a sensibilidade, a flexibilidade, por parte do codificador para apreender o que importa” (MUTTI, 2006, p. 683).

A culminância das atividades com os alunos ocorreu através da construção da árvore da ecologia profunda¹⁴, a qual foi exposta ao corpo de alunos da unidade, e os resultados, entregues à instituição SESI.

Anteriormente às atividades práticas, foram criadas três hipóteses referentes ao resultado da pesquisa: 1) Primeira hipótese – as fotografias terão relação estreita com as vivências e experiências que os alunos entrevistados têm na cidade de Candeias, principalmente em nível familiar, e o agir estará relacionado às experiências culturais; 2) Segunda hipótese – Por ser uma atividade solicitada pelo professor de Biologia da escola onde estudam, haverá fotografias de problemas ambientais, e as explicações das fotos serão predominantemente científicas (aprendidas na escola); 3) Terceira hipótese – haverá poucas fotografias de relações saudáveis, pois, frequentemente, ouvem-se discursos dos alunos, afirmando não gostar de viver na cidade de Candeias.

SABERES AMBIENTAIS PARA A QUALIDADE DE VIDA					
SABER	NÍVEL CULTURAL	NÍVEL COMUNITÁRIO	NÍVEL DOMÉSTICO	NÍVEL INDIVIDUAL	INTEGRADO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO
RACIONALIZAÇÃO					
NÃO PERCEBE PROBLEMÁTICA ALGUMA					
PERCEBE PROBLEMÁTICAS, MAS NÃO ENTENDE					
ENTENDE, MAS NÃO RACIONALIZA UMA MUDANÇA					
RACIONALIZA E TENTA MUDAR					

Ilustração 03. Tabela de saberes ambientais

¹⁴ A expressão “ecologia profunda” foi criada durante a década de 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess, em oposição ao que ele chama de “ecologia superficial” (visão convencional segundo a qual o meio ambiente deve ser preservado apenas por causa da sua importância para o ser humano). A ecologia profunda, para ele, dá-se quando ocorre uma mudança de consciência do sujeito, fazendo-o se sentir parte do meio em que vive, preservando, dessa forma, o ambiente, para também preservar a vida e amenizar os conflitos, pensando em uma qualidade de vida social e não mais individual.

Fluxograma dos procedimentos metodológicos:



Ilustração 04. Fluxograma dos procedimentos metodológicos

3 AJUSTANDO O LAÇO: O QUE FOI APREENDIDO NA PESQUISA

“Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra” (VYGOTSKY, 1989, p.02).

Os elementos apreendidos perpassaram pela conversa inicial (na qual o pesquisador falou sobre a pesquisa dissertativa, sobre a metodologia a ser aplicada e também sobre as atividades que seriam desenvolvidas pelos adolescentes), pelas fotografias, até a entrevista final, as quais são expostas neste capítulo, integralmente.

3.1 ELEMENTOS APREENDIDOS EM CONVERSAS, FOTOGRAFIAS E ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES

3.1.1 Estudante 01(E1):

(15 anos de idade)

(E1) – Eu moro no Centro de Candeias com meus pais e meu irmão, o restante da minha família mora em Salvador, em Feira de Santana e no interior, em Pintadas. Odeio Candeias, mas percebo que existem vários problemas na cidade como esgoto, lixo e violência. Aquela rodoviária é um lixo, fede demais, um cheiro insuportável [...] e haja mendigo, viu?! Tem muita gente desempregada, né pessoal? Professor, ninguém merece! Gosto demais do SESI e de todas as amizades que pude fazer por aqui. Acho que é isso que me faz estar em Candeias quando não estou estudando.

Fotografias de interferências positivas na qualidade de vida do E1:

Foram retiradas as ilustrações 05, 06 e 07, por aparecer o rosto do estudante e de seus familiares. Nas ilustrações 05 e 06, o estudante aparece abraçado ao irmão caçula, e, na 07, aparecem ele e os amigos, na escola, também moradores de Candeias.

(E1) – As interferências positivas na minha vida, que posso encontrar na cidade de Candeias, são meus amigos e minha família. As duas primeiras foram tiradas na minha casa e a terceira no aniversário de minha amiga em Candeias, na rua do restaurante do Galego, sabe onde é?

(PP) – Por que isso é bom, ou te faz bem?

(E1) – Me deixa feliz! Esses amigos me entendem, não me julgam por causa do meu jeito [...] vivenciamos muita coisa juntos.

(PP) – Que jeito, do que está falando?

(E1) – Sou gay, né professor!? (risos) O povo de Candeias parece que vive na época do Brasil império. Pra eles, gay é sempre motivo de piada e chacota [...] Em Salvador, as pessoas têm mais com que se preocupar, e acho que, quando estou por lá, sou menos visto. Por isso, nos momentos de lazer, estou na casa de amigos, ou vamos para o *shopping* em Salvador.

(PP) – Como aprendeu que isto é bom para você?

(E1) – Ué, como amigos são bons pra mim? Vivendo! Aprendi a confiar neles. Na verdade, eles nunca me julgaram ou fizeram piadinhas. Isso não é bom? Sei que, se precisar de alguma coisa, posso contar sempre com eles. A vida me ensinou a escolher minhas amizades.

(PP) – O que faz para cuidar disso?

(E1) – Preservo, sendo um bom amigo também.

Fotografia de fatores que interferem negativamente na qualidade de vida do E1:



Ilustração 08. Foto impacto negativo pelo E1



Ilustração 09. Foto impacto negativo pelo E1

(E1) – O que me faz muito mal é a falta de organização da cidade, o barulho de carros de som, as calçadas são bem pequenas, fazendo os pedestres se arriscarem na beirada da pista, a falta de guarda de trânsito em alguns locais. Como posso tirar foto do que falta? (risos) A primeira foto é para mostrar que, em Candeias, as pessoas não podem conversar nem dentro de casa, pois os bares são cheios de carro de som. E ainda aqui, no Centro, tem um monte de carros de som que fazem propagandas, que é um inferno! A segunda mostra que Candeias não tem calçadas para pedestres, e os locais que tem, acabam sendo usados por lojas ou comércio. E isso é muito ruim, pois andamos no meio dos carros e motos e acabamos ficando surdos, nem televisão se consegue ver, às vezes, de tanto barulho.

(PP) – Como aprendeu que era ruim para você o barulho excessivo e a desorganização da cidade?

(E1) – Vivendo nela.

(PP) – O que você faz para interferir neste processo?

(E1) – Não faço nada, porque sei que, sozinho, não vou conseguir mudar isso. É uma obrigação das autoridades. E também não pretendo viver muito tempo em Candeias não. Viverei como sempre vivi: suportando. A cidade não tem nada que faça ser bom viver aqui.

E1	
Impactos positivos	Impactos negativos
Amigos e familiares, que remetem a afetos positivos relacionados ao acolhimento e à confiança.	Som automotivo; Desorganização do comércio local; Interferências negativas cotidianas.
Níveis de influência cultural	Nível de influência cultural
Familiar; Individual.	Comunitária.
Racionalidade Ambiental	
Concebe a problemática ambiental, mas não racionaliza uma mudança.	

Ilustração 10. Tabela analítica E1

É perceptível que os impactos positivos para a qualidade de vida do estudante 01 estão relacionados de forma estreita com os familiares e amigos. Em sua fala sobre os impactos positivos, é possível apreender a rejeição que este demonstra para com a cidade de Candeias, quando afirma que o único laço que o prende ao referido município são os amigos e familiares.

Quando este estudante cita os impactos negativos em sua qualidade de vida, percebe-se uma rejeição frequente a Candeias. Suas principais queixas estão relacionadas a comportamentos comuns neste município, como sons automotivos na porta de bares e em praças públicas e a desorganização do comércio local.

Ele descarta a possibilidade de intervir nessas problemáticas, pois atribui a responsabilidade aos governantes do município. É notório que todo o conhecimento científico apreendido na escola por E1, em disciplinas como Biologia, Comunicação e Projeto de Vida, Filosofia, Sociologia e Ética, entre outras, além de projetos curriculares não são associados com a problemática ambiental que vivencia, pois não há interesse deste sujeito em melhorar sua qualidade de vida, já que almeja sair dessa localidade. E1 expressa, em seu agir, apenas a experiência cultural formada por vivências e crenças.

3.1.2 Estudante 02 (E2):

(15 anos de idade)

(E2) – Professor, Candeias é um saco! Não tem nada pra se fazer. É uma monotonia só. Nem sei o que falar aqui (risos).

Fotos de interferências positivas na qualidade de vida do E2



Ilustração 11. Foto impacto positivo pelo E2



Ilustração 12. Foto impacto positivo pelo E2

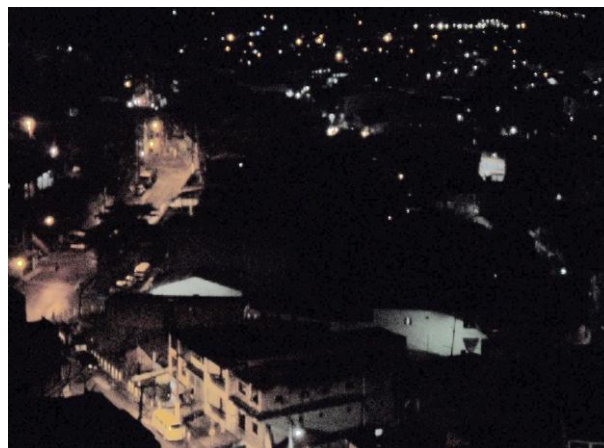


Ilustração 13. Foto impacto positivo pelo E2

(E2) – Praça do bairro Malembá, paisagem vista da Getúlio Vargas e bairro da Areia contribuem para a minha qualidade de vida, porque me inspiram e me fazem refletir mais sobre os valores da vida, me causam bem-estar.

(PP) – De que forma?

(E2) – São lugares que, não sei porque, me fazem bem. Simplesmente me fazem bem e pronto. [...] Acho que por me trazerem lembranças boas da minha família.

E2 não entregou fotos de coisas que interferem negativamente na sua qualidade de vida.

(E2) – Professor, queria não tirar fotos deste, queria falar. Posso? É porque não tem como tirar foto do que não existe. [...] Acho que o que faz ser muito ruim morar em Candeias é que aqui não se tem nada pra se fazer. Como vou tirar foto de “nada pra se fazer”? Acidade é um tédio e, quando tem alguma coisa na praça, é pagode ou arrocha, e enche de ladrão, acaba sendo muito violento.

(PP) – Como aprendeu que a falta de lazer é ruim para você?

(E2) – É só você estudar em tempo integral, todos os dias e chegar fim de semana e não ter nada pra fazer. Tem que ficar em casa, vendo televisão ou na internet. Porque, ir pra casa dos meus amigos, minha mãe não deixa, por causa da violência. E para bar não gosto. Vixe! Um monte de bêbados! E, na praça, fica o povo sem nada para fazer, tomando conta da vida dos outros. É só viver em Candeias que vai ver que a falta de lazer é ruim para a vida de qualquer pessoa. [...] Adoro cinema, *shopping* e parque, e para irmos a algum lugar, temos que ir para Salvador. Candeias é chato demais.

(PP) – Você faz algo para mudar essa situação?

(E2) – Faço. Estudo para ir embora daqui. Vou levar minha família. Quero morar em um lugar melhor.

E2	
Impactos positivos	Impactos negativos
Impacto relacionado a paisagens naturais, descrito como algo que inspira para as vivências diárias; Impacto relacionado a vivências anteriores com os familiares.	Falta de opção de lazer e atividades saudáveis.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Familiar; Individual.	Individual.
Racionalidade Ambiental	
Concebe a problemática ambiental, mas não racionaliza mudança; Os esforços são desprendidos para sair do município em que vive.	

Ilustração 14. Tabela analítica E2

Os impactos positivos estão relacionados a ambientes vivenciados anteriormente com a família e que causam bem estar, provavelmente por causa das sensações vivenciadas anteriormente. A família, outra vez, aparece como o laço positivo que liga estes alunos a Candeias.

Os impactos negativos estão relacionados à falta de opção de lazer e às vivências locais que, provavelmente, causaram sensações negativas neste estudante.

O estudante 02 também percebe a problemática ambiental que interfere negativamente em suas vivências, mas não tem motivação para agir em prol de sua qualidade de vida. Assim como o E1, E2 desprende esforço para sair da cidade em que vive, sendo perceptível, mais uma vez, uma racionalização quase que totalmente motivada pela experiência cultural.

3.1.3 Estudante 03 (E3):

(13 anos de idade)

(E3) – Professor, o que o senhor está querendo é impossível! Quer que tiremos fotos de coisas boas da cidade de Candeias? Parece piada (risos). Que coisas boas? Vou procurar, mas não sei se vou achar três coisas que interferem positivamente em minha qualidade de vida. Ruim, eu acho um monte (risos).

Fotos de fatores que interferem positivamente na qualidade de vida do E3:



Ilustração 15. Foto impacto positivo pelo E3

(E3) – Só encontrei uma coisa, serve? Tipo, acho que a câmera pode ajudar a diminuir a ação de vândalos, ladrões e pessoas que cometem infrações de trânsito. Acho que é uma boa tentativa para inibir as ações desse povo, diminuindo inclusive a sujeira, caso multe quem joga lixo na rua. Como Candeias está violenta demais, acho que isso foi a melhor coisa que fizeram. Resta saber se vai dar certo. O único problema é que as áreas monitoradas por câmeras são todas no centro da cidade. Mas já é um começo, né?

(PP) – Como aprendeu que isso é bom?

(E3) – Vi na televisão que, em algumas cidades que têm câmeras, como São Paulo, diminuiu a ação dos bandidos naqueles locais. Tomara que dê certo aqui.

(PP) – O que você faz para preservar ou melhorar isso?

(E3) – Eu, nada. Mas, se eu ver alguém depredando uma câmera ou placa, com certeza, vou falar com a polícia. Acho que essa é a forma que eu posso contribuir para melhorar a segurança. Brigar com ladrão, eu não vou, não sou policial (risos).

Fotos de fatores que interferem negativamente na qualidade de vida do E3:



Ilustração 16. Foto impacto negativo pelo E3



Ilustração 17. Foto impacto negativo pelo E3



Ilustração 18. Foto impacto negativo pelo E3

(E3) – Procurei fotografar coisas que interferem muito na minha qualidade de vida diariamente. A primeira é quase em frente à minha casa: um córrego de esgoto. Fede demais!

Imagina acordar pela manhã para ir estudar e, quando coloca o rosto para fora de casa, já se depara com um fedor horrível. Pior é que a prefeitura promete, promete e nunca faz nada.

(E3) – A segunda é no centro, lá perto colégio, é impossível andar na calçada, sempre tem alguma coisa, ou lixo, ou coisas para se vender. O pior é quando nem espaço perto da calçada tem, porque, como nessa foto, já tem o espaço de moto táxi em cima da calçada, e o caminhão pára ao lado para descarregar coisas. Aí, sobra para a gente andar no meio da rua, e é perigoso! Acha que os carros respeitam? Não.

(E3) – A terceira também é perto lá de casa. Tem uma placa enorme dizendo para não se jogar entulho, mas sempre jogam. O pior é que a rua é de chão batido e aí, quando chove, vira uma lama horrível. O povo aqui é muito mal educado.

(PP) – Por que diz que isso é ruim?

(E3) – Porque me faz sentir mal. O primeiro me faz ficar de mau-humor logo quando estou saindo de casa, o segundo me deixa nervosa, pois coloca minha vida em perigo, e o terceiro faz com que a cidade esteja sempre feia. Fico com vergonha de levar amigos da escola em minha casa.

(PP) – Como aprendeu que era ruim?

(E3) – Aprendi, na escola, que esgoto tem muita bactéria, ainda mais se tiver cocô ou xixi, e pode causar doenças graves, como a leptospirose, a cólera. O segundo, acho que não aprendi em lugar nenhum, simplesmente, me faz sentir medo de ser atropelada. Deus é mais ir parar no hospital daqui! Nem plano de saúde tenho. E a terceira coisa me faz sentir vergonha de onde moro, além de juntar rato e barata, que também transmitem doenças.

(PP) – Você faz algo para mudar isso ou acha que contribui?

(E3) – No caso do esgoto, não faço nada, nem posso fazer. Quem vai me ouvir, ou como vou mudar aquilo? Nem tem como. Nas coisas pela calçada, também não posso fazer nada. Se eu

falar algo, é capaz de eu apanhar. Mas, no caso do lixo, eu faço a minha parte. Minha mãe sempre fala pra não jogar lixo no chão. E, na escola, aprendi a separar para reciclagem, então, sempre joga o lixo no lixo. E quando tem vasilhas separadas, coloco no lugar certo.

E3	
Impactos positivos	Impactos negativos
O impacto positivo está vinculado a impactos negativos, como a violência, o vandalismo e o roubo.	Desorganização do comércio local, sujeira e lixos espalhados pelas vias públicas, relacionados à vergonha de onde vive e mal estar.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Cultural. Científica.	Cultural; Comunitária; Familiar. Científica.
Racionalidade Ambiental	
Concebe a problemática ambiental, mas não racionaliza mudanças.	

Ilustração 19. Tabela analítica E3

Os impactos positivos na qualidade de vida do estudante 03 são as câmeras de segurança, as quais foram instaladas no comércio do centro de Candeias, e estão relacionados aos frequentes furtos que acontecem neste trecho da cidade. A ideia de que essa ação dará certo está vinculada às experiências vivenciadas por outros municípios e aos resultados estatísticos divulgados pela mídia televisiva, relacionados à ação das câmeras.

Os estudos, as experiências e os resultados vivenciados por outro município, divulgados na mídia, reforçam a esperança de melhoria da cidade, por parte do E3, e o faz agir de forma consciente, a fim de manter os aparelhos conservados. É perceptível que as experiências culturais vivenciadas por E3 estão vinculadas ao conhecimento científico divulgado na mídia.

Os impactos negativos estão diretamente ligados ao mal estar desse estudante. O córrego, em frente à sua casa, causa-lhe experiências negativas. Em seu discurso, o E3 apresenta o

conhecimento científico aprendido na escola relacionado a microrganismos maléficos ao corpo humano.

É mais um estudante que cita a desorganização do comércio como um impacto negativo, o que reforça este como uma experiência cultural candeense. O terceiro impacto negativo lhe causa vergonha, mas E3 apresenta, em seu discurso, uma ação para modificar a problemática por ele citada, a qual é permeada pelo conhecimento científico aprendido na escola.

3.1.4 Estudante 04 (E4):

(15 anos de idade)

(E4) – Candeias é horrível, não gosto de morar lá. Mas sabe o que é engraçado? Odeio a cidade, lá não se tem nada para fazer, é violenta, feia, mas quando alguém de Salvador fala mal de Candeias, viro um bicho e acabo defendendo ela (risos). Não é, pessoal? (Todos concordaram).

Fotografia de fatores que interferem positivamente na qualidade de vida da E4:



Ilustração 20. Foto impacto positivo pelo E4

As fotografias 21 e 22 foram ocultadas, pois apresentam os rostos do estudante e dos seus familiares e amigos. Na ilustração 18, a E4 aparece ao lado de sua irmã mais nova, e, na 19, ela e duas amigas estão na praça Gualberto Fontes, em Candeias.

(E4) – As duas primeiras fotos são na Boca da Mata, minha vó mora lá perto. E a segunda, na Praça Dr. Gualberto Fontes, em frente ao SESI Candeias.

(PP) – Por que diz que contribuem positivamente na sua qualidade de vida?

(E4) – Tirei a primeira foto, porque este local me mostra que ainda existem lugares em Candeias que me fazem bem, que ainda não sofreram com ação de degradação humana. É um local muito especial para mim, me lembra muitas coisas importantes que vivi com minha família, coisas simples, sabe, professor, mas muito lindas. Essa, no meu colo, é minha irmã mais nova. Minha mãe e minha vó gostam muito de natureza, e aí temos paz.

(E4) – A terceira foi perto de um evento que ia ter lá. Amo minhas amigas, e elas também me fazem muito bem. São as únicas alegrias que tenho aqui no centro da cidade.

(PP) – Como aprendeu que era bom para você?

(E4) – Olha só, desde quando nasci, moro em Candeias. Odeio a cidade, me faz mal, as pessoas são mal educadas e agressivas, tudo tem briga. Não se tem nada para se fazer na cidade. Aí o povo bebe, e não gosto de bebida também não. Aqui, parece que estou fora de Candeias, sem barulho de carros tocando “arrocha”, sem bebedeiras, sem violência. Aqui tenho paz. Sinto e sei que é bom para mim, só isso (risos). E as meninas são boas para mim, porque me ajudam, me dão conselhos, me dão carinho, amor. Amo elas.

(PP) – Faz algo para preservar o que te faz bem?

(E4) – A Boca da Mata, tento preservar. Sempre que vamos para perto do rio, levamos um saquinho e trazemos o lixo de volta. Muitas vezes, vi minha vó catando o lixo que outras pessoas jogaram e ajudo a ela sempre. E fico chateada quando muitas pessoas vão pra lá para fazer bebedeira, deixam tudo sujo. Aí, quando não é muita coisa, ajudo o pessoal de lá mesmo a limpar. E com as meninas, tento manter a amizade, sendo uma boa amiga também. Cuidamos umas das outras (risos).

Fotografias de impactos negativos na qualidade de vida do E4:



Ilustração 23. Foto impacto negativo pelo E4



Ilustração 24. Foto impacto negativo pelo E4

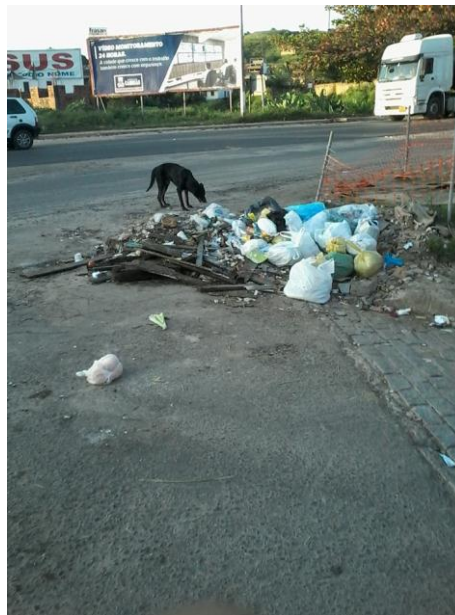


Ilustração 25. Foto impacto negativo pelo E4

(E4) – Todas as três são indo a caminho para a escola. A primeira é na avenida de acesso, no Malembá: de um lado, pista de carro; do outro, também; e no meio, lixo. Como atravessamos a rua? A segunda é bem na entrada da cidade, cheia de entulho e lixo. Dá até vergonha de levar amigos de Salvador para Candeias. O povo já esculhamba Candeias, por causa das

notícias que sempre saem nos jornais, imagina vendo isso... Morro de vergonha! A terceira é na Praça em frente ao SESI: olha o gramado, cheio de lixo! O povo parece que é porco, nunca vi, a cidade tem aspecto de sujo e, por isso, fico tão feliz quando posso sair de Candeias.

(PP) – Como aprendeu que era ruim para você?

(E4) – Em todos os lugares. É ruim porque me faz mal. É ruim porque tenho vergonha. É ruim porque atrai animais que transmitem doenças. É ruim porque é feio e incomoda. Não gosto de lugar sujo.

(PP) – Faz algo para modificar isso, ou contribui de alguma forma?

(E4) – Sim. Te falei de como fazemos lá na Boca da Mata. Em Candeias, no centro, não joga lixo no chão e tento ser educada, mas não sei se conseguiria mudar as pessoas... todo mundo faz isso, professor! Olha a foto da grama. Vou ficar catando ou brigando com todo mundo que joga embalagem de bala? Nem pensar!

E4	
Impactos positivos	Impactos negativos
Vivência em ambientes saudáveis; Percebe-se claramente um afeto positivo para com essas vivências.	Sujeira e lixo em ambientes públicos; A vergonha relativa ao lixo e à sujeira.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Familiar. Íntima.	Comunitária; Individual.
Racionalidade Ambiental	
Racionaliza uma problemática ambiental e concebe o novo.	

Ilustração 26. Tabela analítica E4

Os impactos positivos estão associados às vivências saudáveis com a família e com os amigos, as quais transmitiram experiências ecológicas, que, pela sensibilização positiva, motivam a E4 a agir de forma ecológica no ambiente que lhe traz boas sensações.

As amigas são citadas como precursoras de ambiente de confiança e conforto diante das vivências não saudáveis que ocorrem em Candeias.

É perceptível que a consciência ecológica, aqui, descrita pela E4, tem muito mais relação com as experiências culturais familiares que com o conhecimento científico.

Os impactos negativos estão relacionados a ambientes sujos. E é compreensível que lixo incomode essa estudante, pois seus impactos positivos estão relacionados a ambientes naturais saudáveis. A estudante apresenta uma racionalidade ambiental e age de forma preventiva. Assim, não se pode afirmar que esteja mobilizada pelo conhecimento científico, mas, com certeza, pode-se afirmar que as vivências positivas junto a familiares motivam a E4 a agir de forma ecologicamente correta com o meio em que vive.

3.1.5 Estudante 05 (E5):

(16 anos de idade)

(E5) – Não gosto de Candeias nem um pouco. Quero me formar e ir embora daqui o quanto antes. O povo é mal educado, a cidade é suja, feia, violenta, as pessoas só sabem ficar bebendo nos bares, e o pior é que os meninos da minha idade estão indo pelo mesmo caminho. Tomam bomba para ficar forte e bebem. Não tem mais nada para se fazer.

Fotos que contribuem para a qualidade de vida do E5:



Ilustração 27. Foto impacto positivo pelo E5



Ilustração 28. Foto impacto positivo pelo E5



Ilustração 29. Foto impacto positivo pelo E5

(E5) – Todas três foram tiradas no ponto de ônibus que eu pego para ir para Salvador estudar. Todos os dias, quando chego no ponto, tem esse presente de Deus: o nascer do sol. E nesse dia, até um bando de pássaros (risos). Fica na URBIS 1.

(PP) – Por que isso é bom?

(E5) – Porque me faz bem, me dá paz e tranquilidade. Toda vez que preciso pensar sobre algo em minha vida, quando estou lá esperando o ônibus, essa paisagem contribui para eu ter clareza das coisas. É como se eu saísse do tumulto que é Candeias por alguns minutos, me transportasse para um lugar melhor. Não gosto de Candeias.

(PP) – Como aprendeu que era bom para você?

(E5) – Aprendi sentindo. Sinto que me faz bem, sinto que me acalma, que me dá clareza na hora de pensar.

(PP) – E faz algo para preservar isso que te faz bem?

(E5) – Creio que não, porque não tenho acesso, a não ser que preservasse todo o planeta, e não posso. Então não faço nada.

Fotos que interferem negativamente na qualidade de vida do E5:

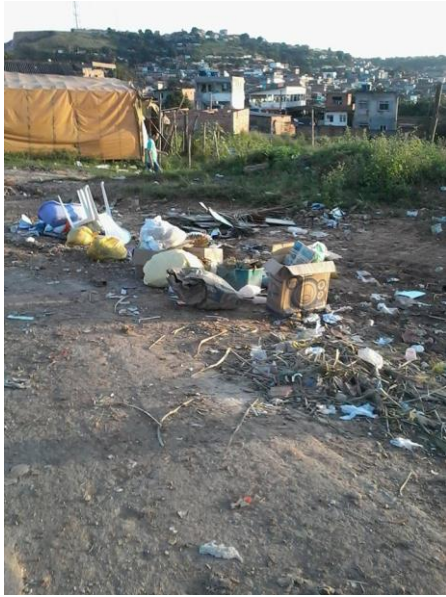


Ilustração 30. Foto impacto negativo pelo E5



Ilustração 31. Foto impacto negativo pelo E5



Ilustração 32. Foto impacto negativo pelo E5

(E5) – A primeira, o que parece um lixão, na segunda passarela, perto do colégio Professor Dásio. A segunda é na praça Irmã Dulce. E a terceira é perto do colégio, no centro.

(PP) – Por que essas coisas são ruins?

(E5) – A primeira, porque é feio, atrai insetos e ratos, causa mau cheiro, passa doença para as pessoas, e fora que fica cheio de mendigo catando lixo, quase fui roubada uma vez. A perto da rodoviária faz o trânsito, que já não é bom, ficar pior, e também é feio, a cidade fica parecendo mais acabada ainda. E a terceira é igual à primeira, sujeira atrai insetos e ratos, contribui para o risco de doenças, além de ficar feio também.

(PP) – Como aprendeu que era ruim?

(E5) – Sei que o lixo é ruim para a nossa qualidade de vida, porque vimos isso na escola, todas as doenças que são transmitidas, todo desperdício que ocorre no Brasil, e porque sinto o mau cheiro e o mal estar de ficar em lugar sujo. E a rua toda quebrada, aprendi vivendo. Sei que atrasa o trânsito, porque vejo todos os dias.

(PP) – Você faz algo para mudar isso?

(E5) – Não, não posso mudar o que já existe há anos. Por isso, tento mudar minha vida e sair daqui de Candeias.

E5	
Impactos positivos	Impactos negativos
Ambiente natural, o qual remete a Deus e transmite paz, que o leva à reflexão e à autoanálise.	Sujeira e lixo em ambientes públicos.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Íntimo.	Conhecimento apreendido na escola.
Racionalidade Ambiental	
Percebe a problemática ambiental, mas não a entende.	

Ilustração 33. Tabela analítica E5

Os impactos positivos citados pela estudante estão relacionados a ambientes e fenômenos naturais. Ela não racionaliza a forma de preservar.

Os impactos negativos estão associados a lixo e posturas não educadas civilizatórias. É perceptível que a racionalização da E5 está embasa por conhecimento científico apreendido na escola, e que esta racionalização aparenta ser mais científica (lixo como agente contaminante do meio) do que experiências vivenciadas com impactos negativos.

3.1.6 Estudante 06 (E6):

(15 anos de idade)

(E6) – Também não gosto de Candeias, aqui não tem nada para se fazer. Sempre que queremos fazer algo, temos que ir para Salvador. Aqui, ou fica na praça, falando da vida alheia, ou fica em bar, bebendo. E não gosto de nenhum dos dois. Quando me formar, também quero ir morar em outro lugar, de preferência, em Salvador, que pode ter seus problemas, mas posso ter mais escolhas. Cansei daqui. Quero uma vida melhor.

Fotografias de impactos positivos na qualidade de vida do E6:



Ilustração 34. Foto impacto positivo pelo E6



Ilustração 35. Foto impacto positivo pelo E6

A fotografia 36 foi ocultada, pois eram visíveis os rostos da E6, das suas colegas e dos seus professores, todos, dentro do estúdio de uma rádio candeense, para gravar uma chamada para um evento do SESI.

(E6) – A primeira foto é da igreja, sei que deveríamos poder acolher todas as religiões em um só lugar, mas sou católica e me sinto confortada por essa religião me fazer bem, me ajudar a pensar na vida, a acreditar em mim e ter fé em Deus para termos um futuro melhor. A maioria das minhas amigas são pessoas da igreja, lá, tenho mais liberdade para brincar e conversar sem receio de acontecer alguma coisa comigo. A segunda é do Hospital de Medicina Humana

– HMM. É um bom hospital e é 24h. Já fui atendida lá algumas vezes e é um bom hospital. É claro que é necessário para que tenhamos uma melhor saúde. E a Terceira é da rádio Baiana FM. Fomos lá gravar uma chamada para a gincana do SESI e fiquei muito feliz. O SESI proporciona muitas coisas bacanas para a gente, muita coisa, que sei e utilizo em minha vida, eu aprendi no SESI.

(PP) – Como aprendeu que era bom para você todas essas coisas?

(E6) – A igreja, eu aprendi com meus pais. Eles me fizeram observar que as pessoas que não acreditam em nada, elas são mais frágeis quando têm algum problema na vida, se entregam mais facilmente à tristeza e à bebida. Não é que a pessoa que tem fé não tenha problemas. Tem, mas acredita que existe algo maior que você que pode te ajudar, se você fizer sua parte. E também vejo, na televisão, todas as reportagens sobre a fé. E por mais que a ciência não aceite, acho que é fundamental para a vida humana. O hospital é uma necessidade nossa. Sei que precisamos, senão, antigamente, não se tinha as curandeiras. É necessário para que possamos ter qualidade de vida. Por mais que cuidemos de nós, em algum momento, ficamos doentes, e o hospital pode nos socorrer. Aprendi isso nem sei onde (risos). Acho que todo mundo já sabe disso. E o SESI é uma escola... e aprendi, em todos os lugares, principalmente por meus pais falarem muito, que, sem escola, não somos ninguém. Minha mãe diz que se, com estudo, já está difícil arrumar emprego, imagina sem estudo nenhum? Aí, quando meu pai me colocou no SESI, soube que poderia sair de lá já com curso técnico. E aí, preferi, para poder ser alguém e dar uma vida melhor a meus pais, em outro lugar.

(PP) – Você faz o que com essas coisas todas?

(E6) – Aproveito. São oportunidades que Deus me dá de ser alguém melhor, e aproveito todas elas, porque sei que serão úteis para mim sempre. Ajudo a cuidar da igreja, nas quermesses, ajudo o SESI, participando de todos os projetos e divulgando o quanto é uma escola boa. E só o hospital que não posso ajudar, mas, no futuro, quero ser médica e ajudarei outras pessoas.
Fotos de impactos negativos na qualidade de vida do E6:



Ilustração 37. Foto impacto negativo pelo E6



Ilustração 38. Foto impacto negativo pelo E6



Ilustração 39. Foto impacto negativo pelo E6

(E6) – A primeira é o trânsito de Candeias. Sei que não é como o de Salvador, mas, quando estamos voltando para casa, à noite, passamos quase duas horas na estrada de Candeias, por causa da entrada e saída de caminhões das indústrias. É horrível! Já estamos cansados e acabamos ficando mais cansados ainda. A segunda é o lixo, que é comum em todas as ruas de Candeias. Essa aí, perto do trilho do trem, a cidade está acabada. E o terceiro é de um bar no Malembá. Todo dia, morre gente por causa de brigas e bebedeira, e povo continua indo para bares e gastando dinheiro com bebida. Cansa! Nós, que somos mulheres e crianças ainda, temos até medo de passar em frente a esses bares, porque fica um monte de velho mexendo com a gente, chamando para sentar com eles. Sei de um monte de caso de estupro e morte.

(PP) – Como aprendeu que era ruim para você?

(E6) – Eu vejo todos os dias que é ruim não só pra mim, mas para todas as pessoas. Não conheço uma pessoa que ache bom, atrapalha nossa vida, traz cansaço e tristeza. Como pode ser bom?

(PP) – Você faz lago para mudar?

(E6) – Hoje não. Mas sei que, com estudo, posso, um dia, tentar mudar todas essas coisas. Mesmo que eu não esteja morando aqui, vou ter condições de ajudar pessoas para que não passem pelas dificuldades que eu passei, de ter que estudar fora da minha cidade, de chegar em casa, cansada, e acordar quatro horas da manhã do outro dia, ajudar para que tenham uma saúde melhor.

E6	
Impactos positivos	Impactos negativos
Vivências religiosas que proporcionam amizade e perspectivas para vivências melhores; Ambientes públicos que proporcionam melhores vivências.	Trânsito, que remete ao cansaço físico e à violência que cerceia a liberdade; Lixo em vias públicas.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Religiosa; Familiar.	Cultural; Comunitário.
Racionalidade Ambiental	
Concebe a problemática ambiental, mas não racionaliza mudanças.	

Ilustração 40. Tabela analítica E6

Os impactos positivos estão relacionados a vivências religiosas, experiências familiares e cuidado com a saúde. Os impactos citados pela E6 estão sempre relacionados a experiências familiares.

Os impactos negativos trazidos pela E6 estão relacionados ao mal estar causado a esta pessoa em suas vivências diárias. Apesar de não racionalizar como pode contribuir para uma

mudança nos dias de hoje, a E6 tem pretensões de estudar e cuidar de Candeias mesmo à distância. Tais projeções aparentemente afetivas são motivadas pelas experiências culturais familiares vivenciadas por essa pessoa.

3.1.7 Estudante 07 (E7):

(14 anos de idade)

(E7) – Não gosto de Candeias. É triste viver em uma cidade violenta, suja e que não se tem nada para fazer. Às vezes, queria morar em outro lugar, mas meus familiares todos são de lá, e não queria ficar longe deles. Amo meus tios, tias e primos, e são as minhas felicidades na cidade. Normalmente, a gente não sai muito, pois minha mãe tem medo da violência na cidade, mas estamos sempre um na casa do outro e nos divertimos muito juntos. Sabe, professor, queria uma vida melhor para meus familiares, queria poder mudar alguma coisa em Candeias, mas é impossível.

Fotos que interferem positivamente na vida do E7:



Ilustração 41. Foto impacto positivo pelo E7



Ilustração 42. Foto impacto positivo pelo E7



Ilustração 43. Foto impacto positivo pelo E7

(PP) – Por que diz que são influências boas?

(E7) – Os dois primeiros melhoram a nossa segurança. Adorei essa ideia de colocar câmeras de segurança no centro de Candéias. Por causa do comércio, tem muito assalto ali no centro. Acho que, agora, os ladrões vão ficar intimidados. Também pode servir para quando tiverem festas, aí a polícia consegue identificar as pessoas que estão fazendo baderna. Você sabe o quanto o trânsito de Candéias é bagunçado, e os guardas municipais, de alguma forma, ajudam para que essa bagunça melhore. Ajudam a organizar o trânsito, nos dando mais segurança também. A terceira foto mostra o recapeamento na cidade. Adorei também. Primeiro, porque a cidade estava horrível de tanto buraco, e segundo, porque ouvi dizer que vão asfaltar minha rua também. Lá, é horrível quando chove, tudo de barro, mela tudo, e o povo é mal educado, e aí contribui jogando lixo na rua, fica um horror.

(PP) – Como aprendeu que era bom?

(E7) – Em relação à segurança, vi que, em São Paulo, no lugares que têm câmeras, a violência diminuiu significativamente, e a polícia pode agir com mais facilidade no combate ao crime. Quanto aos guardas de trânsito, já tinha visto, em Salvador, que o povo tem medo e se controla mais quando está passando por uma viatura de guardas do trânsito. Assim, acho que, em Candéias, as coisas podem melhorar. Vê aquela coisa do bafômetro, quantas pessoas deixaram de beber e dirigir por causa dos guardas de trânsito? O povo precisa disso pra se

tornar educado. E a rua asfaltada é outra história. Imagina minha rua toda asfaltada, limpinha, sem sujeira. Ia adorar! Imagina se, quando chovesse, não ficasse tudo sujo de lama. Só quem mora em rua de barro sabe o quanto é importante uma rua asfaltada e limpinha.

(PP) – E você faz alguma coisa para preservar estes impactos positivos?

(E7) – (risos) Não. Devia fazer, né? Mas acho que são coisas que só podem ser feitas pelo Governo. Não sei se eu teria capacidade de fazer alguma dessas coisas.

Fotos de impactos que interferem negativamente na qualidade de vida do E7:



Ilustração 44. Foto impacto negativo pelo E7



Ilustração 45. Foto impacto negativo pelo E7



Ilustração 46. Foto impacto negativo pelo E7

(PP) – Por que essas coisas são ruins?

(E7) – Porque é feio, atrai mosquitos e animais que podem transmitir doenças. A primeira é próxima à rodoviária, a segunda, a feira, e a terceira é a rua lá de casa. Todas têm em comum a sujeira e a falta de cuidado. Como você pode chegar em uma cidade e encontrar tudo sujo? É claro que nenhum turista vai querer ir para lá. Olha a rua da feira: é lugar que vende comida, que tem que ser limpinho, e está cheio de sujeira, de lixo e de ratos. A rua lá de casa, eu morro de vergonha! Além de ser de barro, é mal cuidada. As pessoas são porcas e pioram o que deveria ser, pelo menos, bonzinho.

(PP) – Onde aprendeu que essas coisas são ruins?

(E7) – Em vários lugares, principalmente na escola. Vê quando a gente deu Parasitologia humana? Acabamos tendo uma noção de que um ambiente limpo e bem cuidado acaba sendo sadio para o ser humano. Melhor que ambiente maltratado, sujo e cheio de ratos. Rato transmite leptospirose. E, além disso, não gosto de viver assim, quero algo mais limpo e melhor para mim, tenho vergonha de levar amigos lá na rua. Sempre ficam dizendo que moro na roça, e não gosto disso.

(PP) – Você faz algo para modificar isso?

(E7) – Não. Eu sei que deveria fazer alguma coisa. Mas também tenho vergonha de ficar na rua, catando lixo que os outros jogam, ou de procurar briga, chamando atenção de pessoas que jogam o lixo no chão.

E7	
Impactos positivos	Impactos negativos
Pavimentação de vias públicas e segurança policial; Ambos os aspectos paliativos em relação a outros impactos negativos.	Lixo em vias públicas; Falta de pavimentação em ambientes próximos à residência.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Cultural; Comunitária.	Cultural; Comunitário;

Conhecimento científico.	Íntimo. Conhecimento científico.
Racionalidade Ambiental	
Percebe uma problemática, mas não entende a complexidade.	

Ilustração 47. Tabela analítica E7

No início da fala da estudante, é possível perceber a importância da família para que esta tenha um vínculo afetivo com a cidade de Candeias, mesmo que a família não seja citada nos impactos positivos que contribuem para a qualidade de vida dela. Dentre estes aspectos, foram citadas medidas paliativas relacionadas a problemas estruturais (pavimentação) e sociais (furtos, roubos e vandalismo). A presença das câmeras e a presença de guardas de trânsito estão relacionadas, no discurso da aluna, a experiências, pesquisas e resultados divulgados na mídia televisiva que foram desenvolvidas em outros municípios. Pode-se aferir, com isso, que resultados provindos do conhecimento científico estão relacionados à experiência cultural da E7.

Os impactos negativos apresentados pela E7 estão relacionados, principalmente, à pavimentação e a todo o transtorno causado pela falta desta. É possível notar que esta experiência cultural está sustentada como negativa, por conhecimento científico apreendido na escola.

Apesar de toda racionalização, a aluna não vislumbra a complexidade dessas problemáticas e não desprende esforços para tentar minimizar os problemas, por ter vergonha de fazer diferente dos outros sujeitos com quem convive socialmente.

3.1.8 Estudante 08 (E8):

(15 anos de idade)

(E8) – Professor, se perguntasse se eu preferiria morar em Candeias ou em Salvador, é claro que eu escolheria Salvador, mas eu não acho Candeias ruim assim como o pessoal fala, não. Não sei também se eu me acostumaria a morar em Salvador. Aqui, a gente conhece quase

todo mundo, uns ajudam os outros. E, em Salvador, alguém ajuda alguém? Acho que não como aqui. Não sei se os problemas que tenho aqui também não teria lá em Salvador.

Fotos que interferem positivamente na qualidade de vida do E8:



Ilustração 48. Foto impacto positivo pelo E8



Ilustração 49. Foto impacto positivo pelo E8

(E8) – A primeira foto é do meu grupo de Karatê em uma apresentação que fizemos no ginásio do Colégio Militar. Professor, você já deve ter ouvido falar de como eu era: não estudava, respondia professores, era agressivo em casa, brigava direto na rua, bebia, andava sujo. E, agora, mudei muito, depois do karatê. Meu professor tem me ajudado muito, me dando conselhos e me mostrando o quanto eu estou perdendo a minha vida sem disciplina. Aí mudei muito, ele é como um pai para mim. A segunda é do Museu de Candeias, me inspira muito, além de mostrar as coisas bonitas que já aconteceram na minha cidade, mostra que temos uma história importante no crescimento da Bahia e que não devemos nada a Salvador.

(PP) – Como aprendeu que isso era bom?

(E8) – O esporte foi uma indicação da psicopedagoga do SESI. Ela sugeriu aos meus pais, porque poderia me ajudar na concentração e na disciplina. E foi isso que aconteceu. Me acalma, me deixa mais controlado e me faz ter disciplina de estudo, afinal, quero ser alguém melhor. E o museu... foi a professora de história. Ela sempre trabalha conosco a História de Candeias, fazendo um paralelo ao assunto que estudamos, e me fez ver que Candeias é bonita também apesar dos problemas.

(PP) – E o que você faz para preservar isso?

(E8) – Bom, o karatê, não pretendo deixar. E sei que, hoje, posso dar conselhos a outros colegas que passam pela mesma problemática que eu. E o museu, sempre que alguém fala mal de Candeias, eu mostro que a nossa história mostra que estamos passando por um momento ruim, e acho que isso é normal em todas as cidades. Acho que podemos melhorar tudo aqui.

Fotos de coisas que interferem negativamente na qualidade de vida do E8:



Ilustração 50. Foto impacto negativo estudante 08



Ilustração 51. Foto impacto negativo estudante 08

(PP) – Por que essas coisas são ruins?

(E8) – O álcool é um depressor do Sistema Nervoso Central, e o excesso dele pode levar à morte de neurônios, além de prejudicar a formação de novas células cerebrais, podendo causar *déficit* de atenção, de aprendizado e perda de memória. As consequências dependem da quantidade e da frequência do consumo, da reação individual e vulnerabilidade de cada um, e também dos hábitos e do estilo de vida levado por cada pessoa. O álcool interfere negativamente na função de órgãos como fígado, coração, vasos e estômago. Além disso, as bebidas alcoólicas são extremamente calóricas. Se ultrapassado o limite recomendado diário (1 dose para mulher, 2 para o homem), há o aumento de depósito de gordura abdominal e o excesso de peso. Meu pai é alcoólatra. Eu e minha mãe já apanhamos várias vezes dele. Ele, quando bebia, parecia que estava fora de si. Batia em todo mundo, mas, graças a Deus, as coisas melhoraram. Ele teve uma crise, foi socorrido e, depois, parou de beber e frequenta o

Alcoólicos Anônimos. E os buracos na pista podem causar acidentes, além de atrapalhar o trânsito. A estrada em Candeias já é ruim, imagina quando está toda esburacada, fica muito lento, e acabo chegando atrasado em tudo.

(PP) – Onde aprendeu que essas coisas são ruins?

(E8) – O álcool, aprendi até com você nas aulas de Biologia (risos) e com o médico que tratou meu pai. Ele disse que posso ter essa tendência também e que tenho que tomar cuidado, além de já ter visto em vários programas de televisão e em reportagens em revistas. E os buracos, aprendi na televisão que são ruins para os carros, mas como não tenho carro, é ruim para mim, pois atrasa minha vida (risos).

E8	
Impactos positivos	Impactos negativos
Esporte (karatê); Museu; Ambos citados como de grande importância cultural e de desenvolvimento íntimo.	Trânsito, que remete ao cansaço físico; Bebida alcoólica, como uma problemática social.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Íntima; Cultural; Científica.	Cultural; Comunitário; Familiar; Íntima; Científica.
Racionalidade Ambiental	
Concebe a problemática ambiental e racionaliza mudanças.	

Ilustração 52. Tabela analítica E8

O E8 mostra ter, muito mais que os outros entrevistados, um afeto positivo em relação a Candeias, quando racionaliza comparativamente Candeias a Salvador. Apresenta, ainda, uma racionalidade socioambiental desenvolvida, quando afirma que grande parte da problemática

que vivencia em seu cotidiano é reflexo do comportamento que escolheu ter. Apresenta esperança quanto à melhora da qualidade de vida na cidade e demonstra responsabilidade social quando, em seu discurso, é possível perceber uma preocupação com o outro que possa vir a passar pela mesma problemática que ele.

Da mesma forma, a experiência cultural vivenciada pelo E8, que interfere negativamente em sua qualidade de vida, apresenta enlace com o conhecimento científico aprendido na escola. É possível perceber que os traumas causados pelo álcool ao E8 foram tão grandes, que ele buscou entender cientificamente como esse processo acontece e quais as mazelas originadas pelo consumo excessivo de bebida alcoólica.

O cuidado – que, atualmente, E8 desprende para si, devido às experiências negativas vivenciadas e à busca para compreender os malefícios da relação dos seres humanos com o álcool –, todo estudo e esforço que fez são o enlaçamento mais próximo do ideal entre experiência cultural e conhecimento científico. Nesse enlace, o sujeito vivencia uma problemática e, a partir disso, busca entender e modificar sua ação para melhorar a qualidade de vida dele e de todos que vivem ao seu redor.

Estudante 09 (E9):

(15 anos de idade)

(E9) – Eu já disse e falo para quem quiser ouvir: não gosto de Candeias nem um pingão. É chato, não se tem nada para fazer. É violenta, as pessoas de lá são preconceituosas com a gente mesmo, é horrível. Vai ser difícil encontrar fotos de impactos positivos e muito fácil de impactos negativos.

Fotos de fatores que interferem positivamente na vida do E9:



Ilustração 53. Foto impacto positivo pelo E9



Ilustração 54. Foto impacto positivo pelo E9



Ilustração 55. Foto impacto positivo pelo E9

(PP) – Por que é essas coisas causam impactos positivos?

(E9) – A Praça Gualberto Fontes é o lugar onde, normalmente, me reúno com minhas amigas. É lá que tem as festas da cidade de Candeias. Todo evento importante da cidade é feito lá. A polícia é importante, porque nos dá uma segurança. Sempre que tem polícia por perto, a violência é menor, é igual nas festas, sempre ficamos onde tem policial. Já fui assaltada várias vezes em Candeias, e é bom morar em uma cidade policiada. O trem é um ponto turístico de Candeias, e foi por causa dessa linha de trem que a cidade de Candeias cresceu.

(PP) – Onde aprendeu que essas coisas interferem positivamente em sua vida?

(E9) – A praça, não aprendi, simplesmente, é o único lugar de lazer da cidade. E aprendi que o lazer ajuda as pessoas a não terem problemas com estresse. Isso, aprendi na escola, na televisão, em tudo que é lugar. A polícia, aprendi aqui, na minha vida, porque a mídia sempre coloca a polícia como algo ruim, mas, pra quem é do bem e vive em um lugar ruim, é sempre bom ter policiais por perto. E o trem, aprendi, na escola e pela cidade, que ele foi importante para o crescimento de Candeias.

(PP) – E você faz algo para preservar essas coisas, já que fazem bem a você?

(E9) – Eu não. Na verdade, o único lugar que frequento é a praça e porque não tem jeito, não temos outra coisa.

A E9 não entregou as fotos de impactos que interferem negativamente na sua qualidade de vida.

E9	
Impactos positivos	Impactos negativos
Círculo de amizade; Segurança pública; Trem (aspecto cultural).	NÃO APRESENTADOS
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Cultural; Íntima.	Íntima.
Racionalidade Ambiental	
Percebe a problemática ambiental, mas não a entende.	

Ilustração 56. Tabela analítica E9

A E9 trouxe como imagens: a praça Gualberto Fontes, local onde normalmente acontecem todas as festas comemorativas da cidade e onde ela se reúne com a amigas; a polícia, como agente que proporciona segurança; e o trem. Ela consegue relacionar as suas experiências com

o conhecimento científico apreendido na escola, percebe que existe uma problemática, mas não entende a dimensão dos impactos que vivencia.

3.1.10 Estudante 10 (E10):

(15 anos de idade)

(E10) – Professor, também não gosto de Candeias, acho uma cidade violenta e sem perspectiva de crescimento para os jovens. A única coisa que gosto em Candeias são os amigos que fiz e o pessoal da igreja.

As fotos de impactos que interferem positivamente na qualidade de vida do E10 foram ocultadas, por aparecer o rosto do referido estudante, dos seus familiares e amigos. As ilustrações 57, 58 e 59 mostram o E10 em festas religiosas da igreja, a qual frequenta junto com amigos e familiares.

(PP) – Por que isto é bom?

(E10) – São meus amigos da igreja, as únicas pessoas que sei que posso confiar, são pessoas que me aceitam e não me julgam por eu ser cristão. Divirto-me muito com eles. Fazem-me muito bem. Não vejo mais nada além deles e minha família, que me faça bem na cidade de Candeias.

(PP) – Como aprendeu que eles te fariam bem?

(E10) – Na igreja. Conheci-os lá. E o pastor sempre falou que as pessoas da igreja são confiáveis e lutam pela mesma causa. E aí, me permiti e vi que são iguais a mim, com as mesmas necessidades, então podemos confiar uns nos outros.

(PP) – O que faz para preservar isso?

(E10) – Cuido deles, oro por eles, estamos sempre juntos, fortalecendo nossa amizade, e isso é muito bom.

Fotos de impactos negativos que interferem na qualidade de vida do E10:



Ilustração 60. Foto impacto negativo pelo E10



Ilustração 61. Foto impacto negativo pelo E10



Ilustração 62. Foto impacto negativo pelo E10

(PP) – Por que acredita que essas coisas são ruins?

(E10) – Primeiro, não gosto da maioria das músicas que o povo daqui ouve. Toda festa que tem aqui na praça ou é pagode ou é arrocha, e sempre é muito violenta. Aí ainda junta com os carros todos equipados com som, que param nos bares e ouvem essas mesmas músicas muito alto. As pessoas que moram por perto nem conseguem ouvir sua própria voz. Você já deve ter passado por isso quando ensinava lá em Candeias, naquelas salas que ficavam na parte de baixo. Tinham horas que se tinha que parar a aula devido ao som muito alto nas ruas. E a sujeira, acho que ninguém gosta. E Candeias está muito suja. A cidade cheira mal.

(PP) – Como aprendeu que essas coisas eram ruins para você?

(E10) – Vivendo junto a elas e sabendo que existem outras possibilidades. Porque acho que as pessoas que fazem isso não enxergam outras possibilidades, por isso, ainda continuam fazendo essas coisas. A música atrai violência, e era para ser diversão. Como gostar? O som alto acaba com os tímpanos das pessoas. Isso, aprendi na escola (risos), mas elas continuam fazendo. Acho que deve ser algo cultural. As “piriguetes” acham bonito, por isso, os homens fazem, só pode ser! E o lixo, aprendi também na escola que traz doenças e animais que as transmitem, além de demonstrar que ainda somos pouco evoluídos, por causa da alta produção de lixo.

(PP) – Você faz algo para mudar essa realidade?

(E10) – Da cidade, não. Faço para mudar a minha realidade, estudo para viver em um lugar melhor, para ser mais feliz e proporcionar uma condição de vida melhor para meus pais.

E10	
Impactos positivos	Impactos negativos
Vivências religiosas que proporcionam amizade e perspectivas para vivências melhores.	Manifestações culturais musicais; Som automotivo; Violência desencadeada pelos impactos supracitados.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Comunitária; Religiosa; Familiar.	Cultural; Comunitário.
Racionalidade Ambiental	
Percebe a problemática ambiental, mas não a entende.	

Ilustração 63. Tabela analítica E10

Os impactos positivos do E10 estão todos vinculados à religião a que é adepto. Os vínculos e a identidade que obteve neste centro religioso são os vínculos positivos do E10 com a cidade de Candeias.

Os impactos negativos estão vinculados a experiências enlaçadas ao conhecimento científico apreendido na escola, o que permite um embasamento teórico às suas argumentações, mas, mesmo assim, o E10 não entende a complexidade ambiental e não vislumbra mudanças sociais.

3.1.11 Estudante 11 (E11):

(14 anos de idade)

(E11) – Candeias é baixaria, professor! (risos) Lá, só tem bebida, drogas e sexo. Sei que, na fase que estou, isso tudo é bem atrativo, mas não pretendo viver nisso minha vida toda, vejo os exemplos pela cidade. Quem ficou por lá nessa vida, hoje é digno de pena.

Fotos de impactos positivos na qualidade de vida do E11:



Ilustração 64. Foto impacto positivo pelo E11

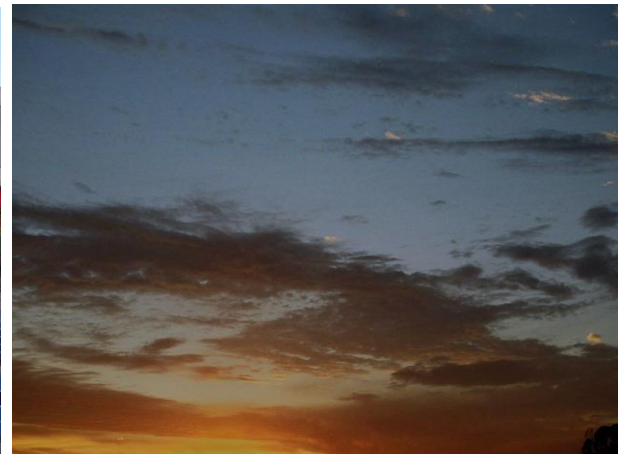


Ilustração 65. Foto impacto positivo pelo E11

(PP) – Por que essas coisas são boas para você?

(E11) – A primeira é porque sou católico, e essa imagem de irmã Dulce, na praça da rodoviária, me fortalece todos os dias que passo por lá, para vir estudar em Salvador. Acredito que ela, enquanto Santa, pode nos ajudar, quando pedimos. E acreditar nisso me faz sentir melhor, é como se alguém estivesse sempre olhando por mim. E o nascer do sol, acho que representa Deus em minha vida, é como se me desse esperança das coisas sempre se renovarem.

(PP) – Como aprendeu que isso era bom para você?

(E11) – Na igreja. Professor, tem gente que acha que é bobagem, mas preste atenção que quem tem fé em alguma coisa vive melhor que os outros. Pode ser que, quando eu morra, perceba que nada disso existe, mas, hoje, prefiro acreditar em tudo que te falei.

(PP) – O que faz para manter isso?

(E11) – Vou à missa todo domingo. E quando algum amigo precisa de mim, falo das coisas boas que vem acontecendo em minha vida, por causa da fé que estou desenvolvendo.

Fotografias de impactos negativos na qualidade de vida do E11:



Ilustração 66. Foto impacto negativo pelo E11

(PP) – Por que isso é ruim?

(E11) – Candeias tem um trânsito horrível, infernal. Para nós que estudamos fora, demoramos muito tempo nessa entrada de Candeias. Devido ao grande número de caminhões, ônibus e carros que saem das indústrias, fica tudo parado, e nos faz ficar mais cansados ainda.

(PP) – Como aprendeu que era ruim?

(E11) – Ficando cansado no outro dia (risos). Tem gente que mata de tanto estresse que é dirigir em engarrafamento.

(PP) – Você faz algo para mudar isso?

(E11) – Eu não. Vou fazer o quê? Tem coisas que, por mais que não gostemos, não temos como modificar.

E 11	
Impactos positivos	Impactos negativos
Vivências religiosas que proporcionam amizade e perspectivas para vivências melhores.	Trânsito que remete a cansaço físico.
Nível de influência cultural	Nível de influência cultural
Comunitária; Religiosa; Familiar.	Cultural; Comunitário.
Racionalidade Ambiental	
Percebe a problemática ambiental, mas não a entende.	

Ilustração 67. Tabela analítica E11

Os impactos positivos estão vinculados a preceitos religiosos. A imagem de Irmã Dulce e o sol como representação de Deus dão ao E11 a possibilidade de vislumbrar algo melhor, permitindo que ele tenha tranquilidade e confiança em si e um Deus, para que haja um futuro melhor.

O trânsito na estrada de acesso a Candeias é trazido como impacto negativo vivenciado pelo estudante, e este não entende como, por meio de suas ações, minimizar tal impacto.

4 O CINGIR DOS DITOS: ANÁLISE DO PROCESSO

“Enunciar com clareza o problema é indicar, antes de mais nada, de que partes ele se compõe” (ALVES, 1981, p. 26).

No início da pesquisa, ainda na seleção para a escolha do conjunto de estudantes que formaria o objeto de estudo, foi percebido um interesse muito grande dos estudantes moradores de Candeias em participar desse processo. Acreditou-se, inicialmente, que o anseio por estudar a cidade em que residem seria uma necessidade intrínseca dos sujeitos moradores de Candeias em melhorar sua qualidade de vida naquele ambiente. Foi formado, nessa seleção, um grupo constituído de quinze alunos, sendo cinco do gênero masculino e dez do gênero feminino. Como dito anteriormente na metodologia, estes foram os quinze primeiros inscritos.

Com o grupo amostral formado, o segundo passo foi, por meio de conversa informal, criar laços de confiança entre o pesquisador e os estudantes, através de uma técnica das Ciências Psicológicas chamada *rapport*, onde o pesquisador explana sobre suas vivências na cidade em que reside (Salvador, Bahia), para que os alunos se identifiquem com aquele sujeito e, com isso, possam falar mais livremente sobre o que vivenciam em Candeias, sem receios quanto a julgamentos por parte do pesquisador.

A conversa teve um tempo de cem minutos, tempo de duas aulas de cinquenta minutos, e foi desenvolvida no turno oposto das disciplinas do currículo escolar desses adolescentes.

Teve muita valia essa troca de vivências inicial, pois se pôde perceber claramente que, ao ouvir o pesquisador falar sobre suas histórias de vida na cidade em que reside e situações que causam impactos positivos e negativos nestas vivências, o grupo de estudantes ia se identificando. Iam surgindo comentários e expressões corporais que demonstravam que estes estavam depositando confiança no pesquisador, e, aos poucos, saíam do papel de observados e passavam a ser coparticipantes do processo.

Ao findar esse primeiro contato, foi solicitado que os estudantes enviassem três fotos de impactos positivos e três fotos de impactos negativos que interviam na qualidade de vida deles, em um prazo de uma semana. Nesta segunda parte, somente nove estudantes enviaram as fotos na data solicitada, cinco precisaram ser cobrados, mas enviaram na semana seguinte, e um pediu para sair do grupo. Por isso, foi adicionado mais outro estudante do mesmo gênero no grupo amostral.

Com a dificuldade de estar em contato com o pesquisador para que houvesse o envio das fotos, devido à semana de avaliações, o grupo pediu que as imagens solicitadas fossem enviadas pelo *Facebook*, pois, assim, poderiam cumprir com mais agilidade esta etapa, sem precisar estar vindo à escola, localizada em Salvador, somente para trazer as fotos. Como foi uma solicitação dos alunos, o pesquisador acolheu-a. Então as fotos passaram a ser enviadas pelo *Facebook*. A mudança realmente surtiu um efeito positivo na agilidade dos envios das fotografias.

Durante o período de envio de fotografias, houve desistência de quatro estudantes. Inicialmente, pensou-se que essas desistências pudessem ter ocorrido devido ao aparente distanciamento físico, não resolvido pela ferramenta virtual. Não havia proximidade física entre o pesquisador e os estudantes. Com essas desistências, o pesquisador solicitou uma reunião com os estudantes para entender o porquê desta evasão.

Na reunião emergencial, quase que a totalidade dos estudantes explanou que permaneceria na pesquisa, devido ao afeto positivo que teria para com o professor pesquisador. O grupo ainda alegou não ter outra motivação para desenvolver esta pesquisa, senão a afetiva. A quantidade de pesquisas já solicitadas pela instituição, a falta de tempo de estudo para as avaliações, o cansaço, entre outros, foram citados como as principais causas que estariam desanimando os estudantes quanto a permanecer em uma pesquisa que vislumbra melhorar a qualidade de vida na cidade em que residem.

Mesmo com as quatro desistências, foi dada continuidade ao processo, sem acrescentar estudantes ao grupo amostral. Ficou decidido que só se acrescentariam mais estudantes caso as representações apreendidas na pesquisa não esgotassem as informações sobre o objeto.

Com o desenvolvimento da pesquisa, as informações se tornaram repetitivas e o grupo amostral se manteve com onze componentes, quatro do gênero masculino e sete do gênero feminino.

Depois da compilação de todas as fotos de impactos positivos e negativos na qualidade de vida desses estudantes, foram marcadas as entrevistas, que ocorreram individualmente e tiveram um tempo médio de quinze minutos por estudante.

A primeira parte da análise foi tentar apreender, nas falas compiladas, a representação que o grupo amostral tem em relação à cidade de Candeias. Para isso, foram observados os adjetivos vinculados à cidade em questão, no momento em que se referiam a ela durante a entrevista.

Com a análise dos dados, pôde-se constatar que, para esse grupo amostral, Candeias é uma cidade sem perspectiva para seus habitantes, quanto às possibilidades de melhorar as vivências nesse ambiente. É uma cidade entediante, sem áreas recreativas e de lazer saudáveis, apresenta alto índice de violência.

Ainda referente à representação que os sujeitos entrevistados apresentam em relação à cidade de Candeias, foi possível apreender, nas falas, a representação de que, para se viver melhor, é necessário sair de Candeias.

Outro impacto negativo, que não estava previsto, mas foi possível apreender com a utilização da ferramenta virtual *Facebook*, foi que os alunos que fazem parte do grupo amostral não informam, no seu perfil do *Facebook*, que são moradores de Candeias. Ou atribuem ao local onde vivem outra cidade (fato presente no perfil de 81% do grupo) ou, simplesmente, não informam cidade alguma.

Todas essas representações negativas, apreendidas nos discursos do grupo amostral, estão enraizadas culturalmente neste recorte da sociedade candeense. São estas representações que funcionam como uma pulsão que mantém os moradores da cidade de Candeias apáticos socialmente, sem iniciativa para desprender esforços, no intuito de modificar qualquer aspecto

neste ambiente, mesmo quando a cidade é representada como um ambiente hostil (FREIRE, 1987; FREINET, 2004; MAZZOTTI, 2008; TOLEDO, 2009).

Os significados e conceitos que um sujeito constrói em relação a algum objeto são concebidos de forma gradativa, de acordo com suas vivências em sociedade, e são mediados pela cultura do ambiente em que está inserido. Esta mediação molda o funcionamento psicológico deste sujeito, o que faz com que ele siga normalmente a mesma linha de ideias previamente concebidas socialmente, e o mobiliza a desenvolver padrão comportamental comum a sociedade em que vive (VYGOTSKY, 1989; TAILLE *et al*, 1992).

Nesse caso, entende-se que a apatia, comum a todos os sujeitos constituintes do grupo amostral desta pesquisa, percebida durante a coleta de fotografias, e que os levou à evasão da atividade, ocorreu devido à motivação cultural candeense. Esta formou um conceito de cidade ruim, sem perspectiva e imutável, onde sair deste ambiente é o melhor caminho para melhorar a qualidade de vida. Esse processo foi preponderante para a protelação do envio das fotos e culminou nas quatro desistências.

Diante de todos esses aspectos que impactam negativamente o desenvolvimento de uma ação educativa ambiental neste município, foi notado um aspecto positivo, ao se observar, durante a pesquisa, o contato do grupo de estudantes com os colegas moradores de outros municípios.

Foi apreendido que, para eles, não é aceitável que outro sujeito não morador de Candeias fale mal desta cidade. Inicialmente, parece algo sem importância, mas este fator indica um cuidado, o que remete ao afeto positivo presente nesses sujeitos em relação ao meio em que vivem. Nota-se, assim, uma relação conflituosa entre afeto e razão, ao se falar de Candeias. Este conflito foi notado não apenas nas falas durante a entrevista, mas também na convivência dentro de sala de aula com outros alunos moradores de Salvador. A fala negativa de um morador de Candeias é aceitável e acolhida, já a fala negativa de um morador de Salvador ou outro município é rejeitada e combatida.

Pode-se concluir que este conflito entre o que se sente e as regras socioculturais desta comunidade, internalizadas por estes sujeitos, é um ponto de partida para uma educação que

leve em consideração as subjetividades dos sujeitos. Já que essas regras não são impostas, embora herdadas de gerações anteriores, elas podem ser modificadas em nível individual, caso haja algum afeto positivo nesta relação (TAILLE *et al*, 1992). Com a análise das entrevistas, por meio da análise do conteúdo, outros aspectos foram somados à primeira representação apreendida.

4.1 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Para melhor tabular os dados, as entrevistas foram divididas em aspectos positivos e negativos que impactam na qualidade de vida dos sujeitos entrevistados, de acordo com as fotos enviadas por eles. Com a representação social cultural deste grupo amostral apreendida anteriormente, percebeu-se, no conteúdo trazido por esses estudantes, o nível em que se encontra a influência cultural que eles mais deixam transparecer durante a entrevista, podendo ser: 1) *Cultural*, que abarca teoricamente o “saber total” de certa coletividade; 2) *Regional*, demarcada pelo território histórico e pela natureza cultivada que o circunda; 3) *Comunitária*, que se refere ao espaço apropriado por uma comunidade; 4) *Doméstica*, delimitada pela área de apropriação de um produtor e sua família; 5) *Individual* restrita ao espaço do próprio indivíduo (TOLEDO, 2009).

No item da entrevista em que se questionou o que fazem para modificar ou preservar os impactos positivos e negativos na qualidade de vida deles, as categorias foram indicadas de acordo com o nível de racionalidade ambiental que possuem, sendo: 1) Não percebe uma problemática ambiental; 2) Percebe uma problemática ambiental, mas não entende a complexidade deste processo; 3) Concebe a complexidade ambiental, mas não racionaliza um processo de mudança íntima e social; 4) Apresenta uma racionalidade ambiental, concebe o novo, racionaliza as suas ações, questiona seus saberes (LEFF, 2006).

Na tabulação a seguir, foi considerado apenas o nível de saber que mais se aproxima do íntimo individual dos sujeitos estudados, pois se acredita que todos os sujeitos sofrem influências do meio em que vivem. Mas o nível predominante demonstra o quanto essa influência pode motivar o agir desses sujeitos, para que se mobilizem em prol de uma mudança.

SABERES AMBIENTAIS PARA A QUALIDADE DE VIDA – IMPACTOS POSITIVOS					
SABER	NÍVEL CULTURAL	NÍVEL COMUNITÁRIO	NÍVEL DOMÉSTICO	NÍVEL INDIVIDUAL	INTEGRADO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO
RACIONALIZAÇÃO					
NÃO PERCEBE PROBLEMÁTICA ALGUMA					
PERCEBE PROBLEMÁTICAS, MAS NÃO AS ENTENDE		E7	E10, E11	E5, E9	
ENTENDE, MAS NÃO RACIONALIZA UMA MUDANÇA	E3		E6	E1, E2	E8
RACIONALIZA E TENTA MUDAR			E4		

Ilustração 68. Tabela saberes ambientais – impactos positivos.

Os impactos positivos se encontram agrupados, em sua grande maioria, em dois níveis: o doméstico ou familiar; e o individual. Isso pode ser um indicador que as relações que mais deprendem afeto positivo, reconhecidas como as mais saudáveis e que mais influenciam em uma melhoria na qualidade de vida do grupo amostral estão enlaçadas com a família.

Os amigos e os centros religiosos, junto a família formam o grupo de fatores que mais motivam positivamente a ação destes estudantes. Esses impactos positivos foram trazidos como âncoras, que, de forma subjetiva, fortalecem o laço afetivo deste grupo amostral com Candeias.

SABERES AMBIENTAIS PARA A QUALIDADE DE VIDA – IMPACTOS NEGATIVOS					
SABER	NÍVEL CULTURAL	NÍVEL COMUNITÁRIO	NÍVEL DOMÉSTICO	NÍVEL INDIVIDUAL	INTEGRADO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO
RACIONALIZAÇÃO					
NÃO PERCEBE PROBLEMÁTICA ALGUMA					
PERCEBE PROBLEMÁTICAS, MAS NÃO AS ENTENDE		E10, E11		E7, E9	E5, E8
ENTENDE, MAS NÃO RACIONALIZA UMA MUDANÇA		E1, E6	E3	E2	
RACIONALIZA E TENTA MUDAR				E4	

Ilustração 69. Tabela saberes ambientais – impactos negativos.

É possível apreender, na análise dos impactos negativos, que todos os sujeitos estudados percebem a problemática ambiental. Destes, seis não entendem a problemática, três entendem e racionalizam e apenas dois tenta modificar suas atitudes para melhorar o ambiente vivenciado por ele. A questão é que, ao analisar o conteúdo do discurso, a maioria deste grupo não se coloca disponível para modificar suas ações e tentar prosperar sua qualidade de vida, pois, todo esforço despendido por eles é para sair do ambiente de Candeias.

Os impactos negativos, trazidos pelo grupo amostral, estão relacionados principalmente à falta de segurança pública, à violência e à poluição ambiental (sonora e de resíduo), queixas comuns da comunidade com que se relacionam. Essa percepção, que demonstra um conhecimento cultural local muito forte, converge com a representação social anteriormente apreendida e tem uma influência grande na ação dos estudantes entrevistados.

O agir “egoísta” desses sujeitos – o desejo de sair do ambiente hostil onde vivem, associado ao não pensar na melhoria da vida coletiva, nem em quaisquer possibilidades de modificar o ambiente em que residem – é extremamente normal, pois são ações passionais, que os fazem

pensar somente em si e na qualidade de vida própria. Estas práxis, normalmente condenadas pela sociedade, apresentam como intuito somente a realização dos desejos íntimos (TAILLE *et al*, 1992).

Quatro dos impactos positivos trazidos pelo grupo amostral são ações desenvolvidas pelos órgãos públicos para sanar impactos negativos, tais como a violência e o trânsito. Estas citações demonstram o quanto os impactos negativos trazidos por esses sujeitos afetam a qualidade de vida deles e desencadeiam uma rejeição ao ambiente candeense.

Diante desta análise, é possível aferir que os discursos dos estudantes são regidos pelos afetos proporcionados pelas experiências culturais vivenciadas por eles. Quando tais afetos causam traumas, positivos ou negativos, estes sujeitos buscam vincular suas experiências com o conhecimento científico para compreender a situação vivenciada e tentar agir de forma diferente.

Alves (1981) e Freinet (2004) afirmam que se esses sujeitos não tivessem vínculos com o conhecimento científico legitimado pela ciência, essas pessoas fariam ciência, ao criar hipóteses, testar métodos e modificar a forma com que se relacionam com determinada problemática socioambiental. Para Vygotsky (1989), a busca para solucionar problemas cotidianos traumáticos é um processo comum à evolução humana, o qual propiciou o aperfeiçoamento de técnicas e, posteriormente, o surgimento da ciência.

Com a conclusão da análise apreendida, houve uma busca para tentar demonstrar aos estudantes que participaram da pesquisa o tipo de relação que eles tinham com a cidade de Candeias, assim, foi escolhida uma prática educativa ambiental, chamada *Árvore da Ecologia Profunda*.

Com a continuidade do processo, foi formulada uma *Árvore da Ecologia Profunda*, a qual tem como intuito promover um olhar desses sujeitos para dentro de si, e apresenta as representações comuns deste grupo, que impactam negativamente na qualidade de vida deles em Candeias.

4.2 ÁRVORE DA ECOLOGIA PROFUNDA

Como em um processo terapêutico, sem a expectativa de analisar sujeitos, mas com o intuito de fazê-los refletir sobre suas escolhas, foi apresentado ao grupo amostral uma Árvore da Ecologia Profunda, que traz consigo representações apreendidas durante a pesquisa, para que estes adolescentes pudessem construir sua própria árvore, por meio de uma reflexão sobre os seus desejos e possibilidades em prol da qualidade de vida deles.

Uma Ecologia Profunda, como sugerido pela nomenclatura, é um estudo ecológico que visa, inicialmente, a mergulhar nas subjetividades de um sujeito, por meio de questionamentos, para que seja possível desvelar o desejo e o ético, para que ele próprio desenvolva seu processo educativo, escolhendo, de forma consciente, suas relações, opções de mudanças e estilo de vida (MIGUEL, 2012).

Essa Árvore, criada por Harding (2008) em seus estudos, visa a demonstrar a determinado grupo social ou sujeitos: quais experiências são suas “raízes”, ou seja, quais vivências os prendem a conceitos e crenças; quais ações guiam essas relações, formando o “caule”; qual estilo de vida utilizam nessas relações, sendo os “galhos e folhas”; e quais ações concretas desenvolvem para melhorar sua qualidade de vida, sendo “os frutos”.

Dessa forma, foi feita uma árvore baseada nas representações apreendidas na pesquisa para que os sujeitos formadores do grupo amostral pudessem observar e refletir sobre seus discursos, suas ações e seus desejos que contribuem para a degradação ambiental em Candeias.



Ilustração 70. Árvore da ecologia profunda – pesquisador

Diante da Árvore da Ecologia Profunda trazida pelo pesquisador, o grupo amostral, inicialmente, apresentou certa resistência, reafirmando a opção de estilo de vida e a não credibilidade na melhora da qualidade de vida em Candeias. Então, o grupo foi questionado sobre a inserção de familiares e amigos nas suas escolhas. Este questionamento foi feito, pois, nas representações apreendidas, os familiares e amigos desencadeavam os afetos positivos e mantinham os estudantes vinculados positivamente a Candeias.

Os estudantes permaneceram em silêncio por alguns instantes e propuseram a elaboração de outra árvore, dessa vez, feita por eles. O pesquisador, então, solicitou-lhes que fosse desenvolvida no mesmo padrão. Depois, foi dado um tempo de vinte minutos para que desenvolvessem a nova árvore.



Ilustração 71. Árvore da Ecologia Profunda – Estudantes

A primeira mudança notada pelo pesquisador e questionada aos estudantes foi a troca da figura que representa a Árvore. E estes responderam que a primeira figura apresentava uma árvore velha e seca, sem vida. O pesquisador informou-lhes que foi proposital, pois assim também ficaria a cidade onde eles nasceram e crescem, seca e sem vida.

Então, uma estudante (E9), representando o grupo amostral, disse ter trazido uma árvore com folhas secas e novas, misturadas:

E9 – [...] nem verdinha, nem seca, normal.

O segundo questionamento do pesquisador ao grupo foi em relação às palavras “exemplo” e “amor”, acrescentadas às raízes (experiências profundas). E9 respondeu que exemplo e amor são o que aqueles adolescentes herdaram dos seus familiares.

O terceiro questionamento foi em relação à opção de estilo de vida:

PP – Por que este campo está vazio?

E9 – [...] Porque não sabemos o que fazer.

Nesse exato momento, foi possível perceber que os componentes do grupo amostral haviam, de forma consciente, racionalizado sobre o agir passional que os impulsionava e já não tinham tanta certeza de como se relacionar com Candeias.

A racionalização surge para permitir a satisfação dos desejos, que são motivadores para a mobilização e a ação dos sujeitos. Mas ela está, normalmente, em segundo plano, a serviço de um afeto, seja ele positivo ou negativo (TAILLE *et al*, 1992). Dessa forma, uma educação que visa a suscitar nestes sujeitos um afeto positivo em relação ao meio em que vivem, para que estes possam racionalizar sobre a problemática ambiental que os cercam, e, com isso, agir de forma consciente e não passional, deve ser uma educação que valoriza principalmente as subjetividades humanas, como o afeto, o desejo e o ético.

Diante dos resultados apresentados e da fundamentação teórica estudada, a busca que se sucedeu foi para tentar encontrar uma ciência ambientalista educativa que fornecesse instrumentos úteis para se desenvolver um trabalho de educação ambiental que valorizasse o ético e o desejo desses estudantes.

5 AÇÃO PROPOSTA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL LEGITIMADA

“[...] a vida prepara-se pela vida” (FREINET, 2004, p. 23).

Em busca de uma ciência que sustente uma educação ambiental legitimada, a qual valorize todos os aspectos formativos de um sujeito, incluindo suas subjetividades, foi possível encontrar a Etnoecologia (TOLEDO, 2009; e outros); a Ecosofia (GUATTARI, 1990; e outros); a Pedagogia do Bom Senso (FREINET, 2004); e a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987).

Essas teorias e ciências foram escolhidas, por se tratar de produções científicas que propõem a entender o relacionamento dos sujeitos com o ambiente em que vivem, e por levar em consideração o contexto local onde a sociedade a ser estudada está inserida, além de estar enlaçada com as experiências culturais vivenciadas por estes sujeitos em três níveis relacionais: social, individual e mental.

Trata-se de produções científicas que auxiliam na (re)construção de uma ciência pautada no senso comum e nas experiências culturais, que visam a estudar as relações socioambientais e que podem fornecer parâmetros para o entendimento desse processo.

Ao se levar em consideração que o foco desta construção dissertativa é socioambiental, as competências científicas que embasam esta pesquisa também tendem a compreender como as relações dos sujeitos com seus pares sociais podem interferir nas relações destes com o ambiente em que vivem. Isso decorre da consideração de que tudo está enlaçado, interligado por uma teia ecológica, e toda ação tem um reflexo positivo ou negativo no ambiente ou em outros sujeitos.

Em sua terminologia, a palavra “ecologia”, provinda do idioma grego, é a soma de duas outras palavras, “*oikos*” e “*logos*”, e apresenta como significado “estudo da casa” ou, de forma mais genérica, “estudo do lugar onde se vive” (BEGON *et all*, 2007).

Ao se estudar o funcionamento de determinada casa, sua organização, sua estrutura física e como esta é utilizada pelos seus moradores, tem-se, por princípio ético, de estudar também aqueles sujeitos que fazem daquele ambiente um lar. Por meio do estudo dos sujeitos moradores deste lar, pode-se entender, com maior clareza, qual significado tem cada objeto presente no ambiente, como o espaço é vivenciado e como surgem os conflitos que podem, por consequência, vir a degradar o local ou as relações.

Dentro dessa perspectiva, ao considerar que o meio é a casa, e que os seres humanos são os sujeitos que vivenciam esta casa, é que se acolheu, nesta pesquisa, a conotação social da Ecologia.

Para que fosse possível compreender melhor a experiência cultural e o conhecimento científico em uma perspectiva ecológica, foi necessário estudar, inicialmente, a Etnoecologia, pois esta ciência fornece parâmetros para entender as relações dos sujeitos com o ambiente que os circundam, por meio de suas experiências vivenciadas.

A Etnoecologia é uma ciência que estuda os fazeres e as práticas oriundas das experiências culturais locais diante do relacionamento de determinado grupo social com o ambiente em que habita. É uma ciência interdisciplinar, que visa a estudar o conhecimento dos sujeitos acerca dos processos naturais, em uma tentativa de desvelar a lógica racional desses sujeitos quando se relacionam com o ambiente (BARENHO & MACHADO, 2007).

Os estudos etnoecológicos podem contribuir para a elaboração de novas formas de se pensar, tanto a ecologia, quanto o desenvolvimento sustentável, quando se valoriza o conhecimento local e as suas experiências (PEDROSO JÚNIOR, 2002). Estudar Etnoecologia não é somente conjecturar sobre o conhecimento e (ou) experiência individual, é, sobretudo, desenvolver um estudo da formação cognitiva dos sujeitos que ocorre em diversos níveis sociais, tais como família, comunidade, território e nação (TOLEDO, 2009).

Os estudos etnoecológicos pretendem criar um diálogo entre o conhecimento científico e a experiência cultural para que se possa valorizar a importância do conhecimento ecológico local, visando à manutenção dos ecossistemas por meio da valorização cultural, transferências de conhecimentos e discussão sobre demandas e saberes locais para gestão dos recursos

naturais, servindo como subsídio para criação de políticas públicas socioambientais (COELHO DE SOUZA, 2007).

Diegues (1996) traz a Etnoecologia como uma ciência produzida, principalmente, para estudos de caso em comunidades tradicionais, rurais ou indígenas. Para ele, estas comunidades ainda apresentam uma independência relativa ao mercado capitalista e valorizam as relações com elementos naturais e ciclos da natureza, tornando os conhecimentos e experiências apreendidos com a pesquisa, algo novo e de identidade.

Mas a pesquisa que seguiu nesta dissertação foi desenvolvida em uma cidade deveras industrializada, cuja natureza foi maculada em prol de um “progresso”, diretamente ligado ao mercado capitalista-industrial e ao comércio, além de estar localizada a poucos quilômetros da capital baiana.

A afirmação feita por Diegues (1996) não motiva o descarte da Etnoecologia, pois se compreende que qualquer comunidade apresenta experiências e conhecimentos que, mesmo mergulhados em uma cultura global, contém particularidades e práticas que a tornam única quando comparada a outras comunidades e outras experiências culturais. Assim, a praticidade e a eficácia dessas experiências as fazem permanecer ou serem extintas de uma comunidade, e não o contato com outras experiências ditas globais ou produzidas pelo capital.

Ao considerar que as experiências culturais permanecem ou se tornam obsoletas em determinada sociedade, de acordo com sua capacidade de solucionar conflitos entre as necessidades dos sujeitos e o ambiente em que vivem, e ao vislumbrar que os conflitos ambientais podem ser reflexos de conflitos íntimos destes sujeitos, houve a necessidade de estudar uma ciência ecológica que levasse em consideração as subjetividades dos sujeitos. Esta ciência poderia fornecer parâmetros para compreender o relacionamento dos seres humanos, não somente por meio das experiências que estes trazem consigo, mas também por meio da subjetividade ética-desejante que o forma enquanto cidadão.

Com a continuidade da busca, encontrou-se a Ecosofia, que é a junção da Ecologia com a Filosofia, e tem como base três fatores principais: o ambiental; o social; e o subjetivo ético-

desejante. Valoriza, principalmente, à questão ética e à do desejo, ao pensar o que é possível ser feito para melhorar a relação do ser humano com o ambiente em que vive, com os seus comuns e com ele mesmo. Descarta a ideia do ideal para essas relações, pois se acredita que idealizações pouco conseguem resolver problemas, além de levar sempre para padrões de relacionamentos que visam a uma sociedade sem conflito e utópica (GUATTARI, 1990; VERDADE, 2006). Assim, para Guattari (1990), uma abordagem ecológica ética deve levar em consideração o ambiental, as relações sociais e as subjetividades humanas.

Dessa forma, ao se escolher trabalhar a Ecosofia na Educação, deve-se tentar desenvolver as seguintes reflexões nos sujeitos: em âmbito social, atividades que levem os sujeitos a refletir sobre o “ser-em-grupo”; reflexões sobre as diversas relações enquanto cônjuge, em nível familiar, enquanto trabalhador, cidadão e outros. A Ecologia Social deve levar os sujeitos a refletir sobre todas as relações sociais vivenciadas, os conflitos gerados nestas relações e as possíveis soluções que venham a proporcionar uma melhor qualidade de vida para si e todos aqueles que os cercam (GUATTARI, 1990). Em nível mental ou subjetivo, a Ecosofia deverá levar os sujeitos a refletir sobre suas relações com o corpo, com sua sombra¹⁵, sobre a vida e a morte, e sobre o tempo:

[...] uma ecologia mental não pressupõe uma importação de conceitos e de práticas a partir de um domínio "psi" especializado. É fazer face à lógica da ambivalência desejante, onde quer que ela se profile – na cultura, na vida cotidiana, no trabalho, no esporte e outros –, reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro (GUATTARI, 1990, p. 41).

A Ecologia mental deve proporcionar aos sujeitos refletir sobre seus desejos enquanto ser social e individual. Esta reflexão deve considerar que são os desejos que levam os sujeitos a escolher como se relacionar com a sociedade e com o meio ambiente que os circunda.

¹⁵ Jung definiu o que seria a sombra no ser humano como “a coisa que um sujeito não tem desejo de ser” (OC 16, §470). Nesta simples afirmação, estão incluídas as variadas e repetidas referências à sombra como o lado negativo da personalidade, a soma de todas as qualidades desagradáveis que o indivíduo quer esconder, o lado inferior, sem valor e primitivo da natureza do ser humano, seu próprio lado obscuro. Jung ainda afirma que “todos os sujeitos carregam uma sombra, e quanto menos ela está incorporada na vida consciente do indivíduo, mais negra e densa ela é. Se uma inferioridade é consciente, sempre se tem uma oportunidade de corrigi-la. Além do mais, ela está constantemente em contato com outros interesses, de modo que está continuamente sujeita a modificações. Porém, se é reprimida e isolada da consciência, jamais é corrigida, e pode irromper subitamente em um momento de inconsciência. De qualquer modo, forma um obstáculo inconsciente, impedindo nossos mais bem intencionados propósitos” (OC 11, §131).

E, por último, em nível ambiental, deve-se levar o indivíduo a refletir sobre sua relação com o ambiente em que vive e os modelos de vida adotados para se relacionar com esse meio. No intuito de demonstrar que estes modelos de relações interferem, positiva ou negativamente, no ambiente e na sociedade que os circunda, para melhorar esta relação e seus conflitos, deve-se tentar construir modelos de convivências possíveis e reais e abandonar as teorias e modelos idealizados.

Por trabalhar os sujeitos em níveis relacionais distintos, a Ecosofia pode conseguir sensibilizar os sujeitos a pensar no real, e não, no ideal. E esse processo faz com que se desenvolvam valores sociais como a solidariedade e a indulgência, por exigir que os sujeitos aprendam a conviver com as diferenças, conflitos e asperezas comuns a toda relação (VERDADE, 2006). Mas este desenvolvimento só é possível quando os sujeitos transformam o pensamento individualista de sobrevivência própria em um pensamento sistêmico inter-relacionado e interdependente, em que o biológico, o social, o cultural e o psicológico são levados em consideração no agir destes indivíduos (CARVALHO JÚNIOR, 2004).

Por isso, em uma pesquisa ecológica humana educativa, deve-se entender que os sujeitos vivenciam o mundo e se relacionam com este por meio da relação entre o *socius*, a psique e a natureza. E não é ético deixar de se trabalhar um destes domínios na educação, pois, se assim for feito, acabará por contribuir com a degradação dos sujeitos (GUATTARI, 1990).

A Ecosofia proporciona à Educação Ambiental o transcender dos conteúdos e das normas de convivência idealizadas pelo conhecimento científico, ao criar uma postura crítica do que é possível ser feito para os sujeitos agirem em prol de uma melhor qualidade de vida. Isso por propor reflexões sobre os três níveis que mais influenciam o agir dos sujeitos: o ambiental, o social e o ético-desejante. Este processo corresponde à humanização de uma educação voltada para o meio ambiente, a qual pode fornecer questões para que os sujeitos reflitam sobre seus relacionamentos e projeções futuras possíveis, com intuito de que suas ações tenham menos impactos negativos e mais impactos positivos no ambiente e na sociedade em que estão inseridos (CARVALHO JÚNIOR, 2004).

É esse tipo de Educação Ambiental, não associada somente a uma ciência, mas também à cultura e às subjetividades dos sujeitos, que traz consigo um potencial inovador, integrador e revolucionário, por considerar os vários aspectos que compõem um conflito entre o ser humano e o ambiente, de forma interdisciplinar, integradora e holística (CARVALHO JÚNIOR, 2004). Nesse sentido, a Educação Ambiental incentiva um processo de autoconhecimento dos sujeitos, para que estes possam trazer, a nível consciente, os desejos que motivam as ações causadoras de impactos positivos e/ou negativos no ambiente em que vivem, para, depois, se houver desejo, tentar solucionar ou amenizar os conflitos entre estes com a natureza e com a sociedade (GUATTARI, 1990; CARVALHO JÚNIOR, 2004; VERDADE, 2006).

A Educação, que apresenta como proposta sensibilizar os sujeitos para vivenciar o mundo visando a uma melhor qualidade de vida, deve trabalhar, nestes indivíduos, as necessidades vitais, individuais e sociais, ao levar em consideração as possibilidades reais destes sujeitos para o seu crescimento enquanto seres humanos (FREINET, 2004). É um processo de reflexão acerca da vida cotidiana, dos desejos, dos conflitos e do que é possível ser feito para melhorar a qualidade de vida de determinado grupo social (FREINET, 2004; CARVALHO JÚNIOR, 2004).

Mas o que ocorre na Educação Ambiental dentro da escola contemporânea é justamente o oposto. Para Freinet (2004), essa problemática inicia-se quando as crianças adentram a sala de aula pela primeira vez e sofrem um processo de padronização educativa, em que todas devem se comportar do mesmo modo para que a aula possa ser ministrada sem muitas interrupções e conflitos. E esse comportamento, vindo dos educadores, acaba por padronizar as crianças, tirando-lhes a possibilidade de desenvolver sua capacidade de criticar e de escolher.

Outro problema, que também pode induzir à perda da crítica e da escolha, ocorre nesse mesmo período: o ensino de teorias. Muitas vezes, estas diferem das práticas vivenciadas pelas crianças, possibilitando que estes sujeitos, em suas problemáticas na vida cotidiana, não consigam trazer para as suas vivências o conhecimento científico ensinado em sala de aula (FREINET, 2004).

Ao acolher as teorias científicas enquanto o conhecimento cultural é ignorado ou defenestrado pela ciência, fortalece-se a ideia de que o cientista é o mito que deve construir as diretrizes, as quais devem ser seguidas pela sociedade. Esse processo prejudica a capacidade dos sujeitos de criticar e de escolher como se relacionar com a sociedade. Mas a grande problemática contemporânea que impede o desenvolvimento crítico humano dá-se quando os sujeitos, depois de acostumados a vivenciar a vida através de regras metodológicas ditadas pela ciência, desenvolvem o medo de ser autores das suas próprias ações.

Desenvolver sua consciência crítica os leva a ser os únicos responsáveis pelo prazer ou desprazer que venham a surgir em suas vivências, não tendo mais quem responsabilizar pelas suas dores ou frustrações (FREINET, 2004; FREIRE, 1987). Em contrapartida, o desenvolvimento desta consciência possibilita aos sujeitos fazer parte do processo de construção sócio-histórica da humanidade, o que os leva a uma afirmação enquanto cidadãos, e possibilita que expressem insatisfações ou satisfações em relação aos padrões propostos pela ciência (FREIRE, 1987).

Com esta consciência em desenvolvimento, interrompe-se o pensamento de que a humanidade está caminhando em direção ao seu destino. A partir de então, é possível assumir que o futuro está sendo construído a cada segundo de vivência no presente e que este mesmo futuro é incerto e depende do agir de cada cidadão hoje, para que seja possível diminuir os conflitos e impactos que afetam negativamente a qualidade de vida da sociedade (FREIRE, 1987).

Por entender que um processo educativo em conjunto com a pesquisa sócio-ambiental devem ser libertadores sociais, capazes de demonstrar para a ciência e para a sociedade a necessidade de se compreender, o mais amplamente possível, a complexidade relacional humana, é que se considera, nesta pesquisa, a educação ambiental legitimada a que se perfila o lastro teórico: na Etnoecologia, na Ecosofia (GUATTARI, 1990), e nas Pedagogias do Oprimido (FREIRE, 1987) e do Bom Senso (FREINET, 2004).

É esta educação ambiental que foi proposta no ano de 2014 como projeto interdisciplinar para o currículo do SESI (Escola Djalma Pessoa), inicialmente, no primeiro ano do ensino médio. Para que fosse possível fazer esta proposta, a instituição exigiu que o projeto tivesse vínculo

com o currículo de Ciências Biológicas, disciplina ministrada pelo pesquisador, e fosse um projeto multidisciplinar e interdisciplinar.

No intuito de vincular o projeto ao currículo de Ciências Biológicas, foram analisados os três seriados do ensino médio. E o seriado que mais se adequou a um projeto educativo ambiental foi o primeiro ano, pois, neste período, os alunos estudarão as relações ecológicas dos seres vivos e a variedade de relações que podem ocorrer, a depender do ambiente que se esteja vivenciando. Dessa forma, o projeto foi enlaçado com a disciplina de Ciências Biológicas.

Restando enlaçar o projeto com outras disciplinas do currículo do primeiro ano do ensino médio, este foi apresentado na reunião de planejamento pedagógico interdisciplinar para que o corpo docente deste seriado pudesse escolher quais os projetos que melhor se adequam à disciplina ministrada por eles, e se associar. As disciplinas que escolheram fazer parte deste projeto educativo ambiental foram: 1) Redação (que trabalhará, durante o ano letivo, portfólio/diário de bordo com os estudantes e poderá ajudar no processo de autoanálise desses adolescentes, assim como melhor contribuir para que eles racionalizem as escolhas que fazem em suas vidas e facilitar aos docentes a entender as escolhas destes sujeitos e); 2) Sociologia (que estudará as sociedades modernas e participará com o estudo das diversas relações que estas sociedades têm com o ambiente em que vivem, o que fomenta o entendimento da relação social contemporânea entre sujeitos e entre a sociedade e o meio em que vivem); 3) Filosofia (que estudará ética durante esse período e auxiliará os estudantes a relacionar ética à cultura e aos diversos saberes científicos, o que fomenta uma análise ético-desejante desses sujeitos); 4) Matemática (que trabalhará conjunto e equação do primeiro grau, contribuindo com o estudo do ser em grupo, da funcionalidade do conjunto e os diversos fatores que interferem nestas relações); 5) além da associação dos setores de Psicologia e Psicopedagogia da instituição, os quais desenvolverão atividades psicopedagógicas com os discentes sobre as vivências conflituosas na fase da adolescência.

Durante o projeto anual, serão realizadas reuniões bimestrais, no intuito de discutir as percepções apreendidas, para melhor perfilar, com teóricos e ciências que possam facilitar a reflexão dos estudantes sobre suas relações, desejos e ações que os formarão cidadãos coparticipantes da história do ambiente em que vivem.

5.1 CONTRAPROPOSTA INSTITUCIONAL

Devido às mudanças ocorridas nos Conteúdos Básicos Comuns – CBC, no ano de 2014, das instituições nacionais voltadas para a formação tecnológica, o SESI trouxe como programado seu novo currículo institucional: *Escola SESI para o Mundo do Trabalho*. Este novo currículo passou a ser aplicado, inicialmente, no primeiro ano do ensino médio, série para a qual estava voltado o projeto educacional socioambiental proposto nesta pesquisa.

Esse novo currículo contempla novas disciplinas – Atualidades, Projeto de Aprendizagem, Oficinas Tecnológicas, e Ciências Aplicadas – as quais são trabalhadas interdisciplinarmente pelas outras disciplinas tradicionais, como Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Biologia e Química. A ideia é ter um tema trimestral e estudá-lo sob todas as óticas das disciplinas que se associarem ao tema, além de desenvolver no alunado a capacidade de aprender novas habilidades e apreender conceitos do dia a dia. A formação dos alunos será direcionada para torná-los capazes de avaliar situações problema e tomar decisões (SESI, 2014).

Como o Colégio Djalma Pessoa (SESI de Piatã) tem vários projetos interdisciplinares que seriam desenvolvidos no ano de 2014, e com a necessidade de criar temas centrais para as novas disciplinas, o projeto socioambiental proposto nesta pesquisa foi direcionado para a disciplina Projeto de Aprendizagem.

O funcionamento será basicamente da mesma forma que o proposto anteriormente, em que os alunos terão um tema central proposto pelo professor da disciplina, e esse será abordado de forma interdisciplinar pelas disciplinas associadas ao projeto (Ciências Biológicas, Redação, Matemática, Filosofia e Sociologia). No final de cada unidade, os alunos apresentarão um projeto de ação para intervir nas relações sociais e ambientais escolares.

Com esta nova proposta, espera-se que, no futuro, este projeto possa, de forma mais efetiva do que nesta pesquisa, proporcionar reflexões para que estudantes do referido colégio ajam menos passionalmente e mais racionalmente, enlaçando afetos positivos e raciocínio, para que escolham, de forma mais acertada, como se relacionar com o ambiente em que vivem e

contribuam para a melhoria da qualidade de vida não somente deles e de seus familiares, mas de toda a sociedade que os circunda, tendo a ciência como um instrumento útil a serviço deles.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C.M.M. **Campo e rural na metrópole: sinais de um padrão civilizatório.** 195 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- ALVES, R. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BARENHO, C.P.; MACHADO, C.R.S. Contribuições do Marxismo e da Etnoecologia para o estudo das relações socioambientais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental.** V.19, jan. a jun., 2007.
- BARRETO, M.B; CARVALHO, A. A. F. de; REBOUÇAS, S. B. B.; AGUIAR, M. M. Ludicidade e percepção infantil como instrumentos para a prática da educação ambiental no zoológico de Salvador/BA. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental.** V.21, jul. a dez., 2008.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BEGON, M.; TOWNSEND, C.R.; HARPER, J.L. **Ecologia de indivíduos a ecossistemas.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed Editora S/A, 2007, 740 p.
- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond. 2008. 4ª edição.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1988.
- CAREGNATO, R.C.A. MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm,** Florianópolis, Out-Dez; 15(4): 679-84. 2006.
- CARVALHO, J. A. **Ecologia profunda ou ambientalismo superficial? O conceito de ecologia e questão ambiental junto aos estudantes.** São Paulo: Arte & Ciência. 2004.
- COELHO DE SOUZA, G. BASSI, J. PIEVE, S. M. N. SILVEIRA, T. C. L. VENZON, R. TOSS, L. MELLO, R. S. P. RUMI R. Contribuição da Etnoecologia para o desenvolvimento de um sistema de gestão colaborativo dos recursos naturais por comunidades ribeirinhas da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. de Agroecologia/out.** Vol.2 No.2, 2007.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- ESCRIVÃO, G. NAGANO, M.S. ESCRIVÃO FILHO, E. A gestão do conhecimento na educação ambiental. **Perspectivas em ciência da informação,** v.16, n.1, p.92-110, jan./mar. 2011.

FACEBOOK. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/>. Acesso em: 16 de janeiro de 2014.

FECOMERCIO. Disponível em:

http://www.fecomercio.com.br/?option=com_assessoria&Itemid=53. Acesso em: 11 de julho de 2013

FOTO SATÉLITE DE CANDEIAS/BA. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Candeias/@-12.6883993,-38.4867336,104133m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x716710d75dafae9:0x2c9765ff6bca1f52?hl=pt-BR> Acesso em: 16 de dezembro de 2013.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 1996.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**; tradução J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, I.M. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v.12, n.1. UFPB. Paraíba, 2002.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 11. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 1990.

HOBSBAWM, E. RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 22 de abril de 2012.

JUNG.C.G. **Obras completas de C. G. Jung**, editados por Leon Bonaventure, Leonardo Boff, Mariana Ribeiro Ferreira da Silva e Jette Bonaventure, volumes 1-18, referidos pela abreviatura OC, seguida do número do volume ou brochura e parágrafo. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes. 1996.

LEFF, E. **Racionalidad ambiental: la reapropiación social de la naturaleza**. Argentina: Siglo XXI Editores, 2004.

LEPENIES, P. H. Possibilismo: vida e obra de Albert O. Hirschman. **Novos Estudos**, nº 83, p. 65-80, mar. 2009.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE CANDEIAS NA BAHIA. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Candeias/@-12.6883993,-38.4867336,10z/data=!4m2!3m1!1s0x716710d75dafae9:0x2c9765ff6bca1f52?hl=pt-BR> Acesso em 16 de dezembro de 2013.

MAZOTTI, T. B. Representação social de "problema ambiental": uma contribuição à educação ambiental. **R. Bras. Est. Pedag.** Brasília, v.73, n° 188, 189 e 190. Pag. 83-123. 1997.

MAZZOTTI, T. B. Representações sociais: Aspectos teóricos e aplicação à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008.

MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, D.C. de. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Atualidades.** UERJ, Rio de Janeiro, out/dez; 16(4):569-76, 2008.

PLANALP, S. **Communicating emotion: social, moral and cultural processes.** Montana: Cambridge University Press. 1999.

PEDROSO JÚNIOR, N.N. **Etnoecologia e conservação em áreas naturais protegidas: incorporando o saber local na manutenção do Parque Nacional do Superagui.** 91 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais), Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, 2002.

REIGOTA, M.A. dos S. Ciência e sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. **Revista de Avaliação da Educação Superior**, SP, 2007.

ROSA, C. de P. **História da ciência: a ciência e o triunfo do pensamento científico no mundo contemporâneo / Carlos Augusto de Proença.** — 2. ed. — Brasília : FUNAG, 2012. 3 v.

SANTILLANA, G. di. O historiador e a teoria da informação. In: Colóquios Filosóficos de Royaumont. **O conceito de informação na ciência contemporânea.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

SANTOS, J.C. dos. **Candeias: História da terra do petróleo.** Gráfica Salesiano. Salvador/BA. 2008.

SESI. Disponível em:

<http://www.sesi.org.br/portal/main.jsp?lumChannelId=8A81818B146A9BCF01146AC210E72A9D>. Acesso em: 26 de agosto de 2012, às 15:10h.

SMITH, A. **Riqueza das nações.** Tradução: Noberto de Paula Lima. Hemus Editora. São Paulo. 2007.

TAILLE, Y. DE L; OLIVEIRA, M. K. DE; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus Editorial, 1992.

TOLEDO, V.M. BARRERA-BASSOLS,N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e meio ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. Editora UFPR 2009.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013**: mortes matadas por arma de fogo. CEBELA. FLACSO, Brasília, MTE, 2013.

WILSON. **Qualidade de vida**: observatórios, experiências e metodologias/Org. Keinert e Karruz. SP: Annablume: FAPESP, São Paulo. 2002. Prefácio.